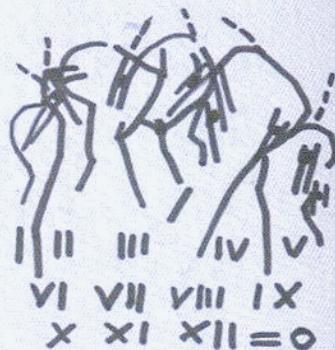


# OFICINA

Não mais seu desejo ...

Seria!  
 Vencer um século  
 de plena poesia  
 em meus dias  
 Ter toda certeza  
 reafirmando anos,  
 numa década só,  
 Roubar de cada ano  
 alimento suficiente  
 para muitos meses  
 Criar algo suportável  
 para uma mês  
 em agenda de semana  
 Viajar e urgência  
 numa semana breve  
 só apenas meios dias  
 Ser amado  
 serenamente, no  
 desajustado dia  
 de poucas horas  
 Descobrir o silêncio  
 e a torre absoluta  
 gasta sem demora  
 gritar aos ventos  
 num minuto do Sol  
 no dia tão vertical  
 Inventar o segundo  
 derradeiro  
 na luz horizontal



Deixar o novo ano  
 surgir em desenho  
 curvado ao pontual  
 tal qual o souho  
 ao ser por dentro  
 reinando no mundo  
 Desenhos originais  
 desfalçados  
 em tempos seminais  
 Seria estar antes  
 que o voo seja como nos  
 Caminhantes

Dia-sim-dia-não  
 dirigiu na duração  
 eternos não revelados  
 A idade do futuro  
 que dá para perder  
 o tempo de vencer  
 Ser e não antever  
 saber o não virtual  
 e viver como esquecer  
 Seria seria  
 mais dia-menos-dia  
 intervalos de morrer  
 tempo  
 reger que via  
 58/8/16

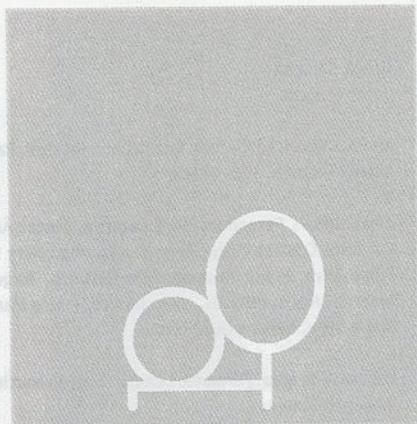


## Poesia nas escolas

Inéditos de:  
 Fernando Lemos  
 Martha Morais  
 Feliciano de Mira  
 Floriano Martins  
 Lourenço Cardoso

Ensaio de:  
 Vincenzo Russo





revista  
**OFICINA**  
de  
**POESIA**

N.º 7  
série II

**COIMBRA**  
**2 0 0 6**

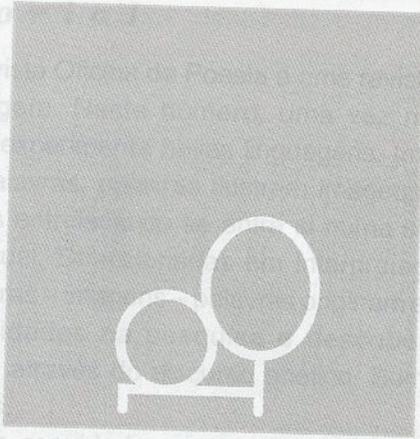
*Publicação Cultural*  
*A. Soares e A. P. Soares*

## Ficha Técnica

|                             |   |
|-----------------------------|---|
| <b>Directora</b>            | Graça Capinha   |
| <b>Subdirector</b>          | Jorge Fragoso   |
| <b>Conselho de Redacção</b> | aNa B, Conceição Riachos, Graça Capinha, João Rasteiro, Jorge Fragoso, Liliana Vasques, Rita Grácio   |
| <b>Conselho Editorial</b>   | Aires Gomes Fernandes, Ana Catarina Costa, Ângela Canez, Cláudia Cardoso, Cristina Nery, Filipe Cravo, João Nery Sá, Jorge Vaz Nande, Filipe Silva, Filipe Tavares, João Rasteiro, Jorge Melícias, Margarida Amorim, Martha Morais, Nuno Duarte, Pedro Marqués d'Armas, Pedro Sousa Silva, Sandra Guerreiro |
| <b>Colaboração especial</b> | Feliciano de Mira, Fernando Lemos, Floriano Martins, Lourenço Cardoso, Vincenzo Russo   |
| <b>Propriedade Edição</b>   | Oficina de Poesia e Palimage Editores<br>Palimage Editores  |
| <b>Capa</b>                 | Palimage Editores sobre poema de Fernando Lemos   |
| <b>Apoio</b>                | Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.<br>Reitoria da Universidade de Coimbra<br>CES – Cento de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra   |
| <b>Contactos</b>            | Palimage Editores Apartado 3105 EC B. Balsa 3511-907 Viseu<br>Tel. 232 432 244 – Fax 232 432 247<br>e-mail: palimage@palimage.pt  |
| <b>ISSN</b>                 | 1645-3662   |
| <b>Depósito Legal</b>       | 222090/06   |
| <b>Execução Gráfica</b>     | Palimage / Publito  |
| <b>Distribuição</b>         | Palimage Editores<br>Rua Conde D. Henrique, n.º 18, 1.º Esq. Fte.<br>4715-349 BRAGA<br>Telef./Fax: 253 25 83 84<br>e-mail: distribuicao@palimage.pt   |

editorial

A revista Oficina de Poesia é uma revista da Palavra e da Imagem. Desde o seu início, mais, a escrita poética exige a presença de imagens juntam-se a palavras, e as palavras são imagens. A sintaxe material e o visual das palavras são coisas variadas, as palavras têm muitas vezes múltiplas possibilidades de interpretação e de outros sentidos. Há sempre direcções tentadas.



Como convidados apresentamos, neste número, os brasileiros Floriano Martins, poeta, tradutor e ensaísta (que se tem dedicado à cultura hispano-americana), e Lourenço Cardoso, poeta, sociólogo e activista (actualmente a estudar e a trabalhar no Centro de Estudos Sociais, como bolseiro internacional de programa de bolsas de estudo para investigadores portugueses Fernando Pessoa e Fernando de Miralva (recentemente regressado dos muitos caminhos de Paris, de Moçambique e de outros lugares conhecidos pelas suas poesias e pelo seu trabalho de crítica e do surrealismo, com todos os seus diálogos com outros movimentos de poesia e com as artes plásticas. A destacar, ainda a propósito deste número: "A Antologia da Poesia Portuguesa" do italiano Vincenzo Cerulli, professor de Literatura Italiana na Universidade de Bolonha.

# OFICINA de POESIA

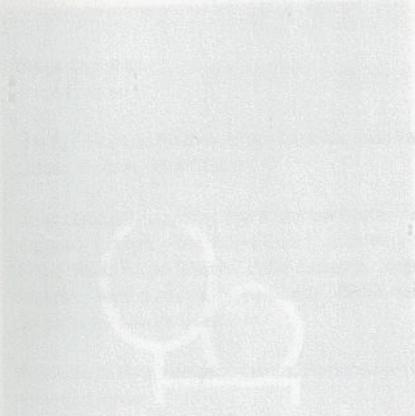
revista da palavra e da imagem

Uma vez mais estes nomes se juntam aos/as poetas do curso livre "Oficina de Poesia" (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), como a brasileira Martha Moraes (colectora de "A Antologia da Poesia Portuguesa"), Sandra Guerreiro, Lúcia Rodrigues e outros/as, que

**Palimage Editores**

*A Imagem e A Palavra*

Título: **Revista de Poesia**  
 Autor:  
 Editor:  
 Conselho de Redação:  
 Conselho Editorial:  
 Colaboração especial:  
 Propriedade:  
 Edição:  
 Capa:  
 Apoio:  
 Contatos:  
 ISSN:  
 Depósito Legal:  
 Encadernação:  
 Distribuição:



Conselho de Redação: **Luís António de Castro, Jorge Fragoso,**  
**Luís Pacheco, António F. de Sousa**  
 Conselho Editorial: **Luís António de Castro, Ana Cristina Cruz, Cláudia**  
**Leite, António Luís Mendes, António Luís Mendes, Jorge Vaz Nando,**  
**Luís Pacheco, António F. de Sousa, Jorge Meilcias, Margarida**  
**de Almeida, António F. de Sousa, António Marques d'Armas, Pedro**  
**Alves, António Marques d'Armas, António Marques d'Armas, Lourenço Cardoso,**  
**Luís Pacheco**

Oficina de Estudos e Pesquisa Literária  
 Faculdade de Letras

# OFICINA

Universidade de Coimbra - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
 Faculdade de Letras - Coimbra  
 CES - Centro de Estudos de Sociologia da Universidade de Coimbra

Telefone: 351 239 620 0000 Fax: 351 239 620 0000  
 e-mail: revista@oficina.letras.ucp.pt

# de POESIA

**Revista de Poesia e da Imagem**

Poesia e Imagem



**Revista de Poesia e da Imagem**  
 de Poesia e da Imagem

A revista *Oficina de Poesia* é uma revista da Palavra e da Imagem. Neste número, uma vez mais, a escrita poética experimenta novas linguagens. Imagens juntam-se a palavras, palavras ilustram imagens, palavras são imagens entrelaçando-se entre si numa sintaxe material e/ou visual. Direccionadas em interpretações variadas, as palavras – imagens – palavras originam essas múltiplas possibilidades na pesquisa e descoberta de outros sentidos através do discurso poético. Sempre direcções tentadas.

Como convidados apresentamos, neste número, os brasileiros Floriano Martins, poeta, tradutor e ensaísta (que se tem dedicado ao estudo da literatura hispano-americana, sobretudo no que diz respeito à poesia), e Lourenço Cardoso, poeta, sociólogo e activista (actualmente a estudar em Coimbra no Centro de Estudos Sociais, como bolsheiro internacional do programa de bolsas da Fundação Ford); ainda os portugueses Fernando Lemos (radicado no Brasil) e Feliciano de Mira (recentemente regressado dos muitos caminhos de Paris, de Moçambique, do Brasil), já sobejamente conhecidos pelas suas poéticas que provêm da PO EX e do surrealismo, com todos os seus diálogos com outros movimentos de poesia experimental e das artes plásticas. A destacar, ainda a recensão de um convidado deste número: "A Antologia do Fim: O Século de Ouro Português" do italiano Vincenzo Russo, ensaísta, tradutor e professor de Literatura Portuguesa na Universidade de Bolonha.

Uma vez mais estes nomes se juntam aos/às poetas do curso livre "Oficina de Poesia" (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), como a brasileira Martha Moraes (com o seu soneto fotográfico "Acontece"), Sandra Guerreiro, Lílíana Marques, Filipe Tavares e outros/as, que

propõem, nas suas experiências, novos tratamentos estéticos e formais para a escrita, desconstruindo o discurso, ousando caminhos novos. Também de outros cursos de escrita criativa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, das opções “Poética e Escrita Criativa” e “Escrita Criativa no Ensino”, Olga Pascoal, a belga Lucie Lafaye, e Raquel Casqueira entre outros/as, se aventuram na procura de novas construções, apoiando-se sobretudo no poder da poesia visual.

A convite de algumas escolas, alguns e algumas poetas da “Oficina de Poesia” deslocaram-se a Lagares da Beira e Tomar, dinamizando acções de formação na área da Escrita Criativa para alunos/as e professores/as, uma prática de extensão universitária já há algum tempo integrada nas nossas actividades anuais. Deste trabalho, e como já aconteceu anteriormente, apresentamos uma pequena amostra. Verifica-se que a palavra está viva e que a prática pedagógica que leva à descoberta da escrita e da poesia pode ser uma estratégia de sucesso no amadurecimento intelectual dos jovens. Também um sinal de esperança pois a nossa pequena contribuição pode lançar alicerces que os motivem a olhar o mundo de uma forma mais interventiva, o que nos estimula a prosseguir.

A convite da Reitoria da Universidade de Coimbra, a “Oficina de Poesia” participou na Semana Cultural 2006, que este ano se desenvolveu sob o tema “De Mar a Mar”. Apresentados na leitura de poemas no Teatro Académico de Gil Vicente, logo em Março, os trabalhos que aqui publicamos resultaram da reflexão a que várias das nossas sessões de seminário se dedicaram (a partir de um olhar sobre a presença deste tema em várias tradições literárias) e, sobretudo, de outras sessões em que a nossa prática poética se desdobrou pela variação, a derivação, o catch e a collage. Uma vez mais a diversidade é notória. Porque, felizmente, continuamos a não estar de acordo.

Conceição Riachos

DÚVIDA OCEÂNICA

se soubesse  
que era para voltar  
não teria ido

se pensasse  
que era para ter ido  
não voltaria

se imaginasse  
que era para ficar  
não gostaria de retornar

se acreditasse  
que me adaptaria  
não ficaria um dia

se fosse de fugida  
viria para de novo fugir

se fosse sem saber  
voltaria para entender

se for para ficar mal  
é melhor aqui ficar

se não sei  
a quantas ando  
não poderei protestar

se não sei  
aquilo que ver  
também não sei viajar

se é estar por estar  
eu sou melhor  
que qualquer lugar

já que estou  
cá e lá  
para que mudar?

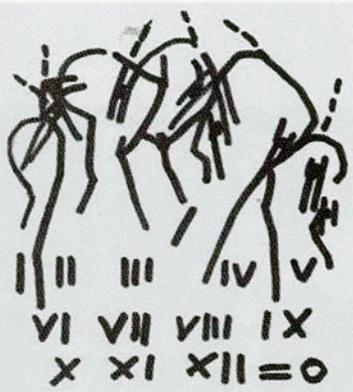
o "x" do imigrante:  
navegar é esquecer  
e viver é lembrar

*(Poema escrito em Copacabana olhando o mar)*

Conceição Riachos

Não mais seu desejo ...

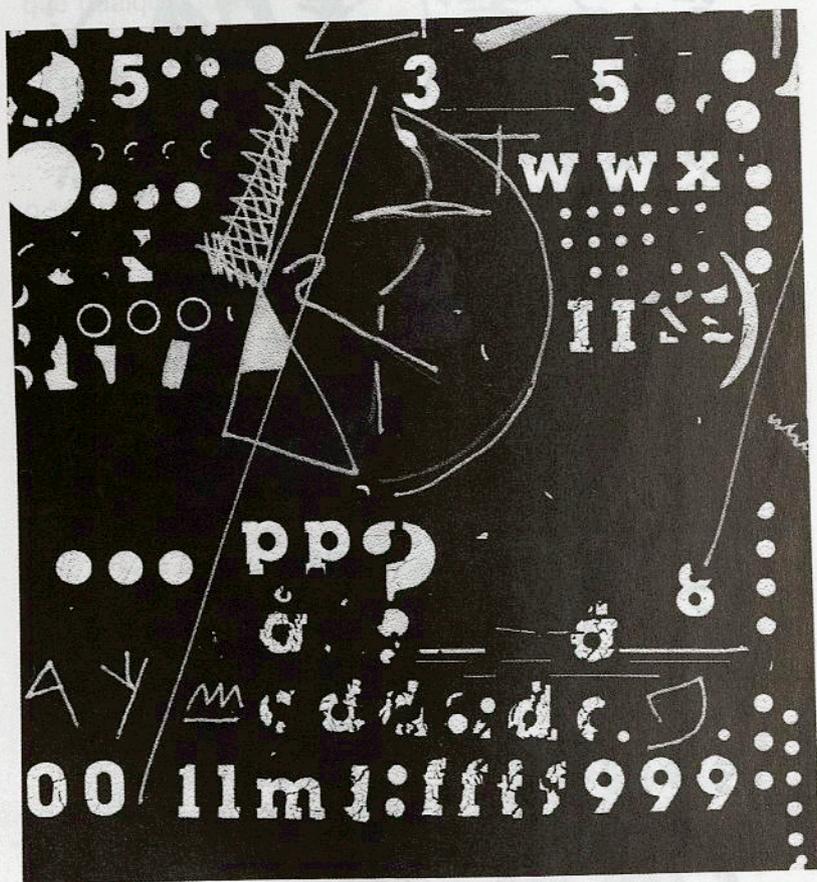
Seria!  
 Vencer um século  
 de plena prosa  
 em menos décadas  
 Ter toda certeza  
 de duzindo anos,  
 numa década só,  
 e contar de cada ano  
 alimento suficiente  
 para muitos meses  
 Criar algo suportável  
 para um mês  
 em agenda de semana  
 Viajar e urgência  
 numa semana breve  
 só apenas meios dias  
 Ser amado  
 Ser amado no  
 dezessete dias  
 de poucas horas  
 Describer o espaço  
 e a hora absoluta  
 gastar sem demora  
 gritar aos ventos  
 num minuto do Sol  
 no destino vertical  
 Inverter o segundo  
 de uma década  
 na luz horizontal



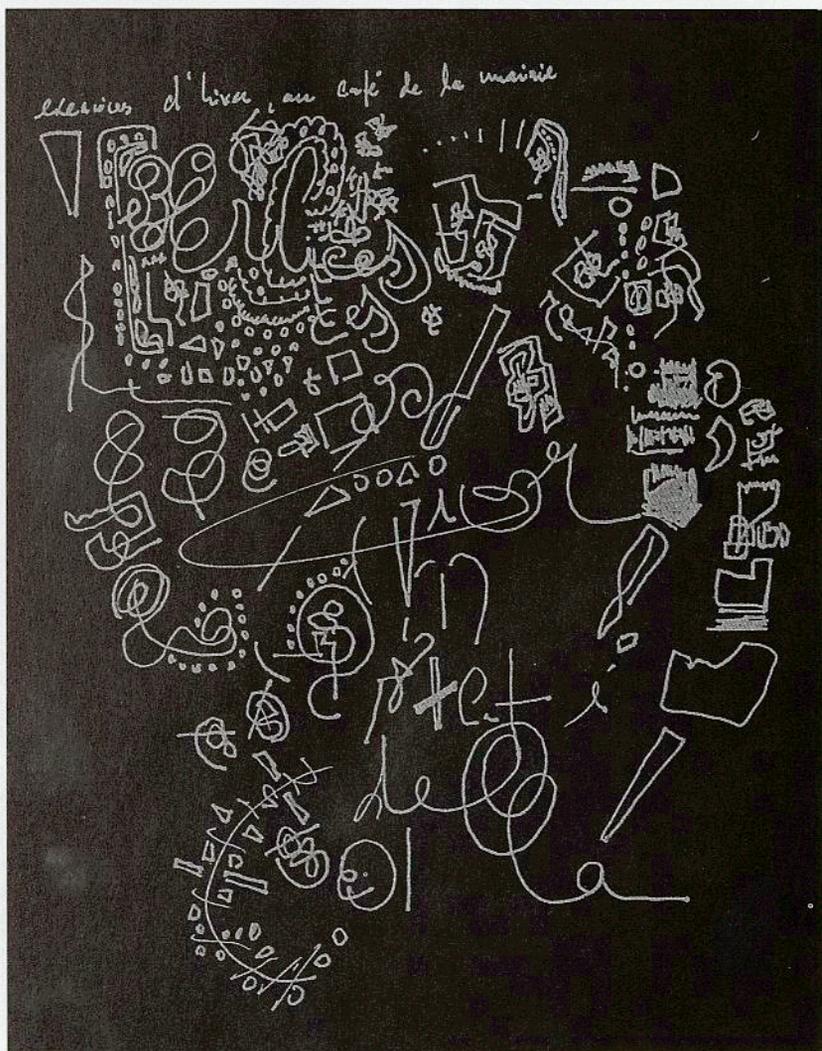
Deixar o tempo  
 surgir em desenho  
 cubrado ao pontual  
 tal qual o Sol  
 ao ser por dentro  
 re-nascendo  
 Desenhos originais  
 despalcados  
 em tempos seminais  
 Seria estar antes,  
 que o bôo seja como nos  
 Caminhantes  
 Dia-sim-dia-não  
 deriguar na direção  
 eternas não reveladas  
 A idade do futuro  
 que dá para perder  
 o tempo de vencer  
 Ser e não antever  
 saber o não virtual  
 e viver como esquecer  
 Seria seria  
 mais dia-muro-dia  
 intervalos de mozer  
 tempo  
 reglor que via  
 5/8/16

Paris 2000

FELICIANO DE MIRA



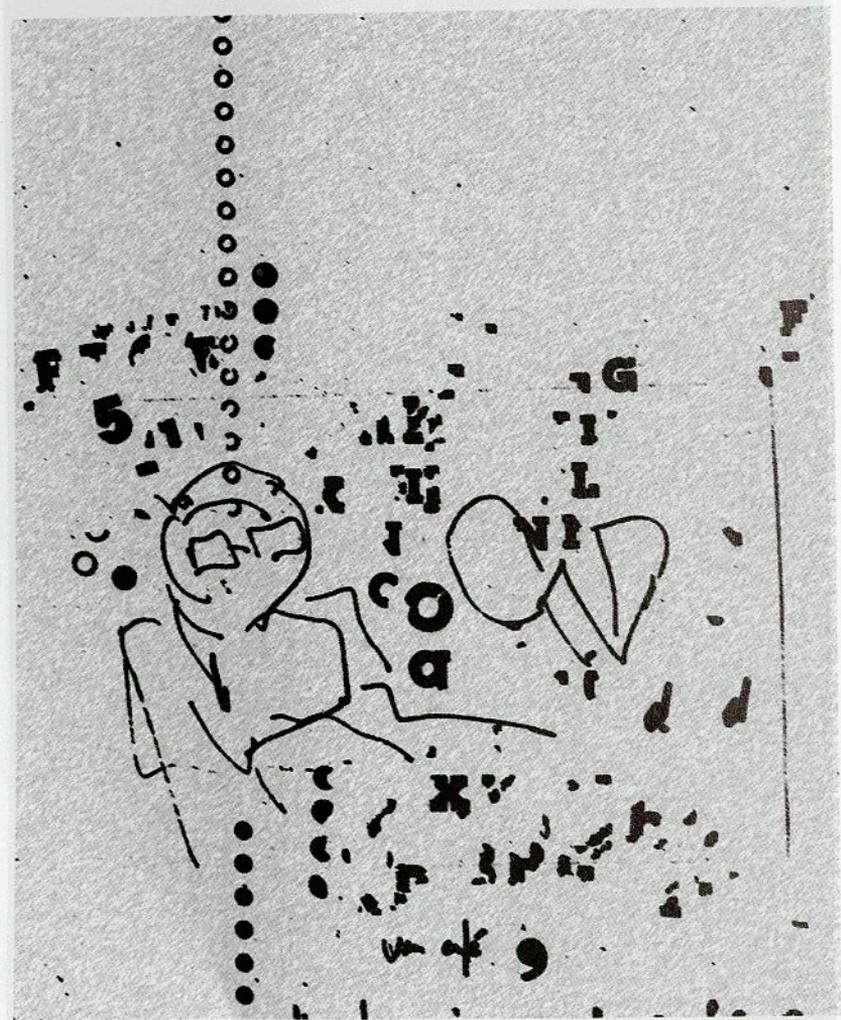
Entre o espelho e o retrato - Évora 1999



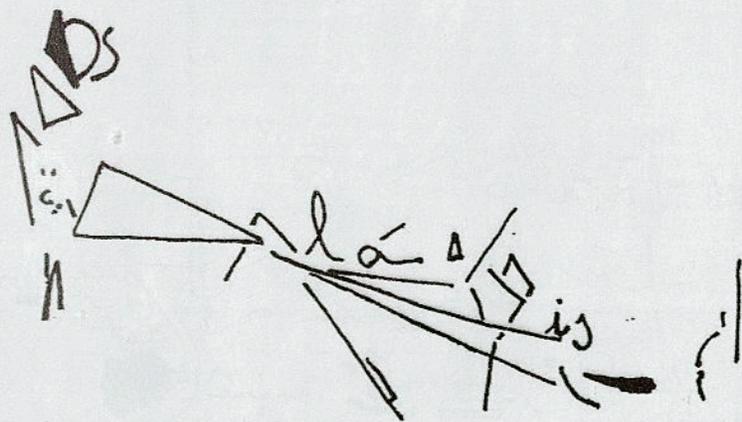
0 site - Evora 1989

A angústia - Paris 2000

FELICIANO DE MIRA

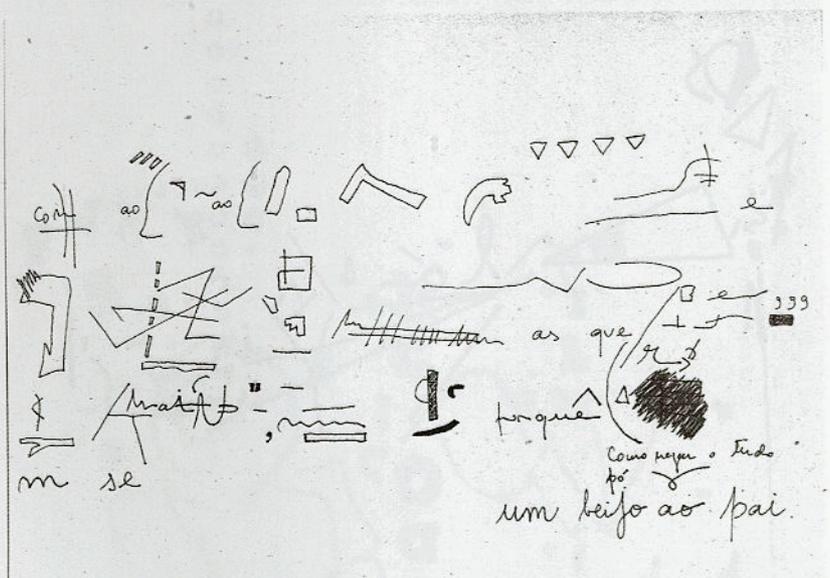


O café - Evora 1989



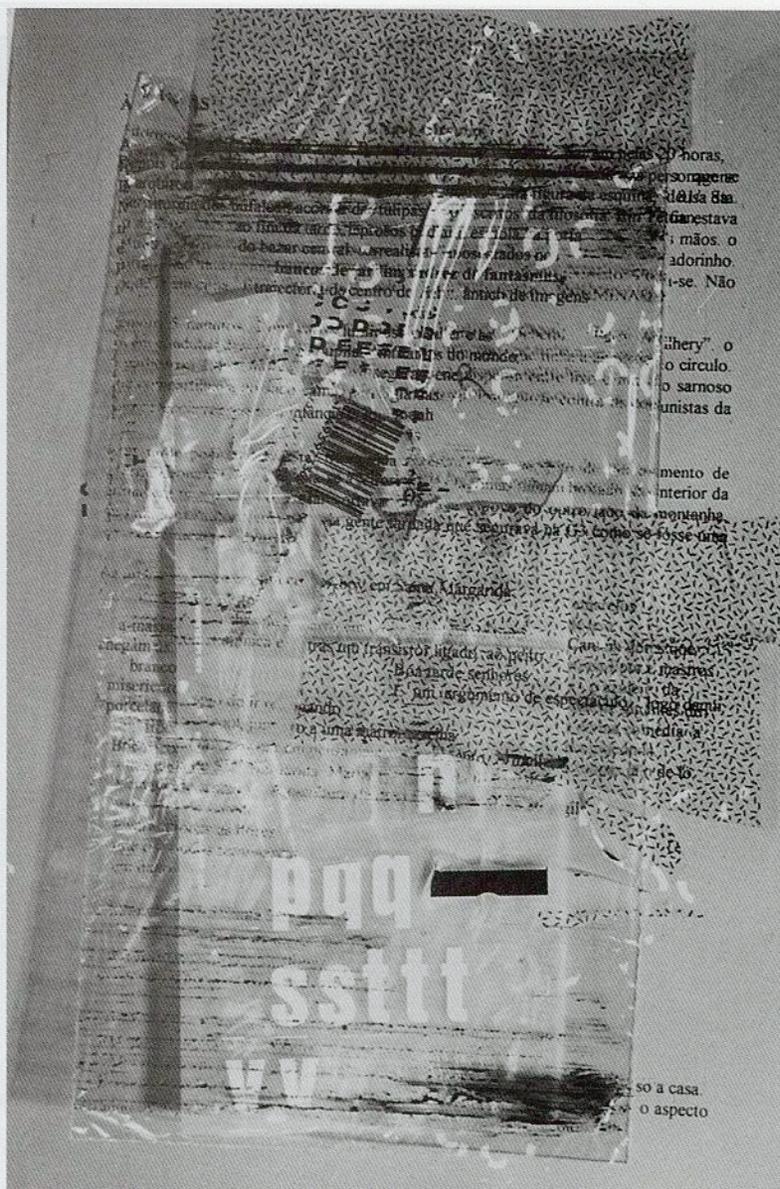
O lápis - Lisboa 1986

# FELICIANO DE MIRA



Um beijo ao pai - Maputo 1993

# FELICIANO DE MIRA

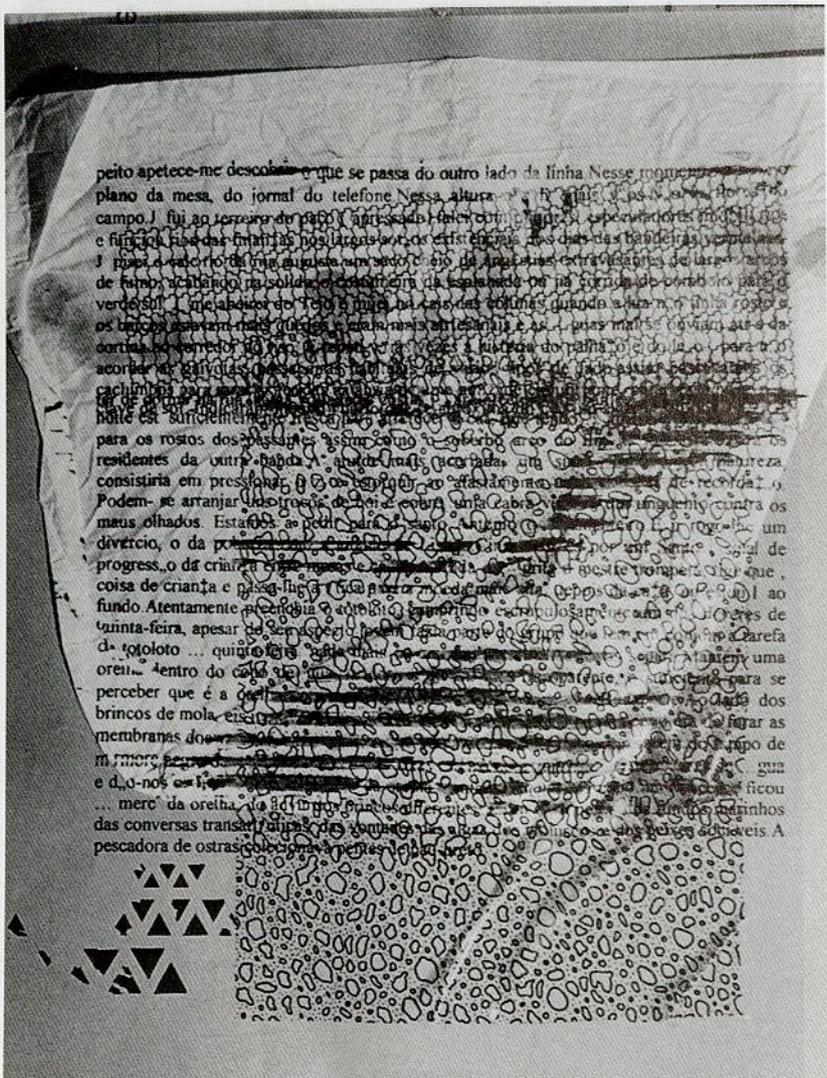


[01]

les nouveaux caligrammes - 1, Paris 1998

les nouveaux caligrammes - 2, Paris 1998

# FELICIANO DE MIRA



peito apetece-me descobrir o que se passa do outro lado da linha. Nesse momento, o  
plano da mesa, do jornal do telefone. Nessa altura, o campo. J. fui ao terreno do jogo, apressado, mas com a curiosidade dos jogadores.  
e função das das finanças nos transmissões existentes nos dias das tabuleiras, vestíveis.  
J. mapa e esforço de uma mulher, um sedimento de Apuleius extração de lã, o campo  
de fumo, a colheita da colheita, o conteúdo da espalando de jóias, o campo de colheita, o campo  
verde sul, o melado de Tolo e mais, na casa das colinas quando a luz não tinha rosto e  
os braços acabam mais fortes e mais mais em lesões e as coisas mais e mais mais e da  
corrua, os ventos do mar, o vento, o vento, a história do palhaço, o do do, para o  
acordar as crianças, os bebês, os bebês, os bebês, o vento de não estar, os bebês,  
cachinhos para a mãe, o vento,  
hoje está suficientemente, o vento,  
para os rostos dos bebês, o vento,  
residentes da outra banda, o vento,  
consistirá em pressionar, o vento,  
Podem-se arranjar, o vento,  
maus olhados. Estarão, o vento,  
divércio, o da, o vento,  
progresso, o da criança, o vento,  
coisa de criança e mais, o vento,  
ao fundo. Atentamente, o vento,  
quinta-feira, apesar de, o vento,  
d'otoloto... quinto-feira, o vento,  
orelha, dentro do, o vento,  
perceber que é a, o vento,  
dos brincos de mola, o vento,  
membranas do, o vento,  
e d'o-nos, o vento,  
merc' da orelha, o vento,  
das conversas, o vento,  
pescadora de ostras, o vento, o vento, o vento, o vento, o vento, o vento, o vento,





## FELICIANO DE MIRA

existem pessoas sem rosto  
que procuram os cafés para se sentar  
e escrever a lápis poemas  
até os bicos dos lápis se partirem

Então a sua angústia termina quando acaba o carvão do lápis porque caiu da madeira que era suposto segurá-lo. **Teimosamente** voltam a meter o bico dentro da madeira até ele voltar a cair e **repete-se o mesmo gesto**, para aumentar **a angústia** de escrever o que olhámos para trás até que o carvão **do bico do lápis** reduz à insustentabilidade **o exercício de dissolver** essas ideias. Então a sua angústia termina quando acaba o carvão do lápis porque caiu da madeira que era suposto segurá-lo. **Teimosamente** voltam a meter o bico dentro da madeira até ele voltar a cair e **repete-se o mesmo gesto**, para aumentar **a angústia** de escrever o que olhámos para trás até que o carvão **do bico do lápis** reduz à insustentabilidade **o exercício de dissolver** essas ideias.

existem pessoas sem rosto  
que procuram os cafés para se sentar  
e escrever a lápis poemas  
até os bicos dos lápis se partirem

# FELICIANO DE MIRA

## Rosa dos Ventos

### 1. Contra o esquecimento

alinha a bainha que desliza  
badala meia-noite ao Castelo de Arraiolos  
cosiam agulha e dedal pontos que o desejo lavrou  
**e a lua cheia das papoilas beija de claridade a vila  
mais próxima da noite**

### 2. e... de repente... o exílio

de repente... **cresceu uma enorme melancia** em cima do  
balcão da venda. **O cabelo cortado** queria dizer tropa. **as  
unhas roídas** o céu da trovoada. **os pulsos rasgados** a  
despedida. **o ventre** a despir-se. **um copo** corpo fresco como  
o linho. **os gestos eram rugidos**. de repente... a melancia  
em cima do balcão da venda... **as unhas roídas**

### 3. Não te perturbam os gritos?

São os homens do campo que vieram à vila acordar o que  
estava a dormir. Só a azinheira ficou perpendicular ao espaço  
contínuo do cinzento, o homem da bandeira vermelha que  
abre a manifestação tem um chapéu preto, as mãos tintas de  
barro e olhos de alucinação

### 4. Salmos do coração

**tu dormias eu ouvia a chuva em Willsden Green**  
e os pássaros cinzelavam delírios

nos olhos molhados em Portobello Road  
um lírio roxo **na extrema da seara crescia**  
e descalço atravessava a Praça da Câmara

## 5. sempre noiva e as romãs

canto rua e vinho **conto metal** vácuo ruído inox do tamanho  
da santa violência do banlieu **colho figos bravos corto**  
canas e avisto pássaros foragidos como nos zínco de Maputo

Londres 1979/ Paris 2002

## FLORIANO MARTINS

### MITO

Não havia nada dentro da noite: tûmulo,  
êxtase, sexo mordido, luz esquiva,  
paixão emboscada, um triste suspiro fora de órbita.  
Certas noites se multiplicam de pé  
sobre a extensão de suas próprias formas  
e não nos deixam entrar sem que esvaziemos  
os bolsos da ilusão. Por mais  
que vaguemos por ali não há nada:  
memória moída, desengano, luxúria afogada,  
dor, uma tensão mínima que ligue um desastre a outro,  
ao menos que assuste sem motivo algum,  
nenhum disfarce de limite. Como suportar  
algo que não vai além de si mesmo?  
Mas quantos temos ido? Entalhar sombras  
é uma frustração da arte. Não se desnuda o outro,  
nada se desloca, de queda em queda,  
silêncio em silêncio, vazio em vazio.  
*Não vejo nada de mim em meu tempo*, diz  
o entalhador, ao tossir e vitimar-se por dentro.  
A arte nunca aceita a própria avaria.  
Sabemos que há fantasmas suficientes  
para que nenhuma noite se sinta só.  
Para muitos o espelho não passa de um muro.

**DECIDIDO A ESCLARECER**

Onde vão dar as pernas caídas de uma velha mesa? Haverá um outono para as flores de plástico? Onde hibernam os animais empalhados? Em quantos tropeços o homem explica o que pretende de si? Por uma única razão estamos cada vez mais distantes dessas respostas: não temos que respondê-las. Trata-se de uma subversão na mecânica da dúvida. E uma obsessão por esquadriñar o mistério. Sim, porém sempre muito confuso: por que indagamos sobre tudo? Veríamos então que não, que somos viciados em meia dúzia de inquietações. Qual a natureza do monstro que nos vigia? Quais os recursos estilísticos da sentinela? Como faço para recuperar minha vida imprópria? As aflições aumentam na medida em que a esperança nos distancia do que somos. O que pergunto? O que respondo? A loucura diverte-se com essas confidências aturdidas. A moral e a justiça se baseiam em tal jogo. Nada mais irrestrito no homem do que a ignorância.

# FLORIANO MARTINS

## PÁSSARO MECÂNICO

A tua figura me escapa,  
como um lábio assustado pelo toque,  
um varal de sonhos cuja aparência não se deixa imprimir.  
De um momento para outro a memória improvisa sua ruína,  
e a tua figura me escapa.  
Não sei aonde me leva e duvido que venha a sabê-lo.  
Procuro por ti em toda a minha pele, toco-me em lugares  
vacilantes e um lapso de dor me diz que já não estás.  
É uma rara maneira de perceber a ausência do amor.  
Por mais impreciso que seja o tempo, algo me diz  
que estavas aqui agora.  
Porém tua figura me escapa.  
Há pouco toquei teus pelos em um regozijo transbordante e  
rimos de tua nudez a vagar pelos limites de nosso olhar.  
Sabíamos que o amor foi excluído,  
por toda parte,  
extensos corredores de naufrágios e desamparos,  
já não se pode falar em amor.  
E incompatíveis com o próprio tempo ríamos dentro de uma  
nudez que era a própria descoberta do salto, do abismo, do  
inesperado.  
Porém agora tua figura me escapa.  
Sem que mais nada em minha vida se interrompa.

ESTAÇÕES DO ACASO

*Soletro os dias em cada coisa que me olha  
quando me sinto a vê-la. É tudo.  
E não há desculpas para o que faço.*

Rosa Alice Branco

Acender o fogo pela sombra da chama.  
Atear luz no olhar do tempo esquecido.  
Assim um corpo diz como deseja  
ser escrito pelo outro que o visita.  
Ensinar ao corpo como sair de si.  
Traçar eqüidistâncias entre as quedas.  
Os pormenores do fogo [ela afiança]  
são o melhor regaço dentro do olhar.  
E o fixa com tanto esmero que as dobras  
do corpo se despem ante o ruído dos passos  
[dela] que são vestígios da sumição  
das roupas [dele]. Por onde o enigma  
apura suas harmonias? Por onde um corpo  
aprende a soletrar o outro? [ela não diz]  
Esvaziar a noite de vícios que a definam.  
Deixá-la sem chance de reconhecer-se.  
Estar a esboçar um tratado de trevas  
requer a cegueira precisa em cada afeição.  
Quem plagiaria o suicídio ou a ruína?  
Os dons são mecânicos, uma fábula gasta?  
Na balbúrdia dos corpos descobrindo-se  
um soletra o dia, o outro deslinda a noite.  
Qual risco a língua desenha ao passar  
de uma boca a outra? Não há exatidão,  
exceto no desejo. Um corpo [ela o tenta],

ao cair no outro, é em si que repercute.  
O amor tateia entre nódulos [ele matuta].  
Uma atração sublime pelas dissonâncias  
parece iludir a queda dos corpos amorosos.  
O que tens no ventre [diz ele] é o abismo  
de que me sirvo para um dia alcançar-me.  
Apenas o acaso resguarda tais planos [ela].  
Os corpos sondam o pendor pelo extremo.  
Atear luz no olhar do tempo esquecido.  
Acender o fogo pela sombra da chama.

pioridade

eu quero ser

o... ôôô

-me

o pior

é uma questão

mergulhar

fundo

resolvo

napioridade

aperfeiçoar

val feder

a

minhamaldade

branca pra

e câ

morrer

de rir

dos que

tentarem

misalvar

# LOURENÇO CARDOSO

democracia

branco comunista  
sou revolucionário

antes quero  
democracia

governo  
da maioria

democracia  
no Brasil

é o governo do negro  
para o negro

compete a minoria branca  
criticar e opinar

topas?

debranquir

você está  
debranquindo  
-me

é uma questão  
de honra

resolvo  
à bala

a coisa  
vai feder

vai ficar  
branca pra  
você

eu quero ser  
pudera crer  
que meu tempo não passou

se se importa  
não me enterra no lixo,  
não me enterra com terra,  
nem me jogue no mar,  
nem me comunique que eu morri

quando morri?

# LOURENÇO CARDOSO

## Ser sem nada

(a) o que temes

(b) temo a liberdade

(a) quê liberdade?

(b) liberdade de ser

(a) tu sejas  
tu és

(b) sou nada,  
piada,  
parado,  
à beira  
esperando

(a) sejas quem tu és

(b) eu sou imitação;  
eu sou expectativa frustrada;  
eu sou o fardo que não me livro;  
eu sou o ódio  
que sangra amor

eu sou o incapaz  
de matar  
que mata muitos  
em nome de deus,  
por ordem do homem

eu sou aquele  
que passou  
e insiste em ser  
eu sou cadáver  
disfarçado  
com um caro perfume francês

eu sou aquele que nunca gritou  
e nunca quis gritar,

eu sou eu...  
porra nenhuma!

eu sou um ser que quer representar  
grandes personagens  
mas é péssimo ator  
eu tive alguém  
que queria me matar  
mataram-no  
e agora nada

eu quero ser você  
você qualquer um!

eu quero ser  
pudera crer  
que meu tempo não passou

se se importa  
não me enterre no lixo,  
não me enterre com terra,  
nem me jogue no mar,  
nem me comunique que eu morri

quando morri?

se não me atrevi  
a atravessar a rua,  
pegar carona,  
ir longe

dez quilômetros,  
sete quilômetros

queria ser  
aquilo que esperavam  
quisera ser

apenas ser  
e, no entanto,  
nada

nada perfumado,  
nada bostificado  
beirando...  
cheirando perfume caro

nada perdeu  
para ninguém,  
ninguém havia  
ser quem não ser  
ser in-filosófico  
ser sem nada,  
não ser & o nada  
nada mesmo  
nada – nada  
nadificado

e nada sou  
então tô dito  
é isto

(...)  
in-bonito  
(...)  
apresento-me a você  
impossibilidade de ser  
com muito prazer!

## NAS ESCOLAS

acções de formação para  
professores e alunos das escolas  
de Lagares da Beira e Tomar (Dr.  
Nuno Álvares Pereira) dirigidas  
por Graça Capinha, com a  
colaboração de Conceição  
Riachos, João Bastião, Dr. E.  
Aires Gomes Fernandes e Tereza  
Grácio



## "OFICINA DE POESIA" NAS ESCOLAS

acções de formação para professores e alunos das escolas de Lagares da Beira e Tomar (D. Nuno Álvares Pereira) dirigidas por Graça Capinha, com a colaboração de Conceição Riachos, João Rasteiro, Aires Gomes Fernandes e Rita Grácio

Joana Pereira

5.ª A

# "OFICINA DE POESIA" NAS ESCOLAS

ações de formação para  
professores e alunos das escolas  
de Lagos de Beira e Tomar (D.  
Nuno Álvares Pereira) dirigidas  
por Graça Capinha, com a  
colaboração de Conceição  
Ribeiro, José Bastião, Ana B.  
Aires Gomes Fernandes e Rita  
Grácio

Lições

## AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE LAGARES DA BEIRA

Queixa branda no acusar  
Que o deixa apenas fitar  
Ter ouvidos à Natureza  
Girassol e só que é o sol  
Mago e mundo o azul do céu  
Esse amarelo tem a luz que o rodou

A Primavera que morre na trovoada  
Manhã fresca pela Primavera  
Um rapaz louro  
Mas não foi olhada  
Uma mulher ainda esperou (na alameda)  
O mais novo está como se fora gente  
Finda uma novela perturbada linda

*Andreia Garcia*  
6.º A

Aquela senhora agradável  
Também corre: vem morre  
Na folhagem certo desencontro  
Está em ti  
A primavera na trovoada  
E essa forte fita.  
Ao vento hibernal  
Tem um piano.  
Nunca ouviste passar o vento,  
Na trovoada que morre,  
Para que é preciso ter um piano,  
Que linda.  
E a natureza  
Manhã fresca  
Manhã fresca, reclinada,  
Não haverá tudo  
Nem o murmúrio  
Do seu mundo que é seu.

*Joana Pereira*  
5.º A

Nem o murmúrio  
Manhã fresca...  
Do muito que é seu  
Manhã fresca, reclinada  
E a Natureza  
Não haverá tudo  
Pela Primavera crescente  
O melhor é ter ouvidos  
Esse girassol  
De um rapaz louro  
Esse amarelo tem a luz que o rodou  
Mago e mudo o azul do céu  
Girassol e só que é sol  
Ter ouvidos à Natureza  
Queixa branca no acusar  
Que o deixa apenas fitar  
No jardim sem fama que as árvores fazem...

*Jéssica Marques*  
5.º A

E amar o que lhe ouviste foi mentira  
Não é o correr dos rios que as árvores fazem  
Nem o murmúrio  
"Nunca ouviste o vento"  
O vento só fala do vento  
Tem um piano  
Amarela chama ao vento hibernal  
Sem fama sem sinal no jardim calmo  
É preciso ter um piano  
Manhã fresca pela Primavera  
Amarelo e só  
Não foi olhada  
Por um rapaz louro.

*Ana Gregório*  
6.º A

Manhã fresca  
Pela Primavera  
Amarelo e só, que  
Finda, não foi olhada

O azul do céu do  
Muito que é céu tem  
Do que é sol a luz  
Que o rodou não  
Haverá futuro

“Nunca ouviste  
Passar o vento, ao  
Vento hibernal que  
Finda, na trovoadá  
Que morre

Esse girassol  
Pela Primavera  
O melhor é ter  
Ouidos  
De um rapaz louro

*Carlo Saladino*  
5.º A

A Natureza é alegria  
A alegria é felicidade  
A felicidade é amor  
E o amor vem do fundo  
Do coração

O amor é felicidade  
A felicidade  
E paixão  
Eu estou apaixonado  
Pelo meu amor

O vermelho é a cor  
Do sangue  
O vermelho é cor  
Do coração e o coração é o símbolo  
Da paixão

*Luís Martins*

6.º A

Amarelo e só  
Mas não é o correr dos rios  
Que as árvores fazem...  
É bela e antiga  
Tocavam avenas e outras coisas  
No jardim sem fama  
Na trovoadas que morre  
Para que é preciso ter um piano?

E amar o que lhe ouviste foi mentira  
Não é o correr dos rios  
Que as árvores fazem...  
Nem o murmúrio  
Amarela chama ao vento hibernal  
Sem fama sem sinal  
No jardim clama  
É preciso ter um piano  
O melhor é  
Esperou mas não foi olhada  
De um rapaz  
Uma novela perturbada  
Loura que finda  
Uma mulher ainda linda

*Nadia Cardoso*  
6.<sup>a</sup> A

O melhor é ter ouvidos  
E amar a Natureza  
Mas não é o correr dos rios  
Nem o murmúrio  
Que agradável!  
Nunca ouviste o vento  
O vento só fala do vento  
É preciso ter um piano  
Sem fama sem sinal

Manhã fresca pela Primavera  
A Primavera que morre na trovoadas  
Mas não foi olhada  
Pelo rapaz louro

*Francisca Lopes*

6.<sup>o</sup> A

Esse amarelo tem  
A luz que o rodou  
Que o deixa apenas fitar  
Ter ouvidos  
A natureza  
Girassol e só que é o sol  
Mago e mudo  
O azul do céu  
Queixa branda no acusar  
A Primavera que vem  
E na folhagem também  
Na trovoada que morre  
Certo desencontro corre  
Que as árvores fazem...

Mas não é o correr dos rios  
Tocavam avenas e outras coisas  
Amarelo e só  
No jardim sem fama  
E bebe e antigo  
E amar a Natureza  
Os pastores  
Amarela chama ao vento hibernal

Ana Rita Campos  
5.º A

O melhor é ter ouvidos  
De um rapaz louro  
Nem o murmúrio  
  
E na folhagem também  
O vento só fala do vento  
Que é agradável  
Também corre  
Vem morre  
Na folhagem certo desencontro  
Aquela senhora agradável  
E essa forte fita

No jardim sem fama  
Tocavam avenas  
E outras coisas  
Mas não é o correr dos rios  
E bela e antiga  
Girassol é só que o sol  
Mago e mudo o azul do céu  
Esse amarelo tem a luz que o rodou  
Que o deixa apenas fitar  
Queixa branda no acusar

Chuva porque cais?  
Ó vento que vais  
Mas cais de mansinho  
Em meu coração  
Nem tenho carvão  
Que canto tão frio  
O canto da água  
Que triste lamento  
O canto do vento  
E as nuvens levantam  
Tão concreta e definida  
Como outra coisa qualquer  
Em bebedeiras azuis

Rui Mendes  
6.º A



Escola Básica 2,3 D.Nuno Álvares Pereira  
Tomar

ESCOLA BÁSICA 2,3 D.NUNO ÁLVARES PEREIRA  
TOMAR

O pássaro da chuva pura

Penas fofas  
Cantava o pássaro e voava  
Em pingas grossas  
Voava o pássaro e cantava

De boca em boca  
Caem as pingas  
Multiplicar os beijos as searas  
Água pura ar puro  
É urgente descobrir rosas e rios

*Filipa Venâncio*  
8.º B

Não encontro  
O que mais queria encontrar  
Essa coisa tão bonita  
Essa tua forma de amar

Se te vejo à noite  
Não me deixo ver  
Não sei o que quero  
Não sei o que querer

*Liliana Salvador*  
8.º B

Acaso A é B em presença de A

Acaso B é A na ausência de A

A – Luz

B – Escuridão

Acaso luz é escuridão em presença de luz

Acaso escuridão é luz na ausência de luz

•

Sobre a Terra

o Universo

Sob a Terra

o Homem

Mafalda Vaz

8.º A

Sobre o Mar

o Ar

Sob o Céu

o Vêu

João Tiago

8.º A

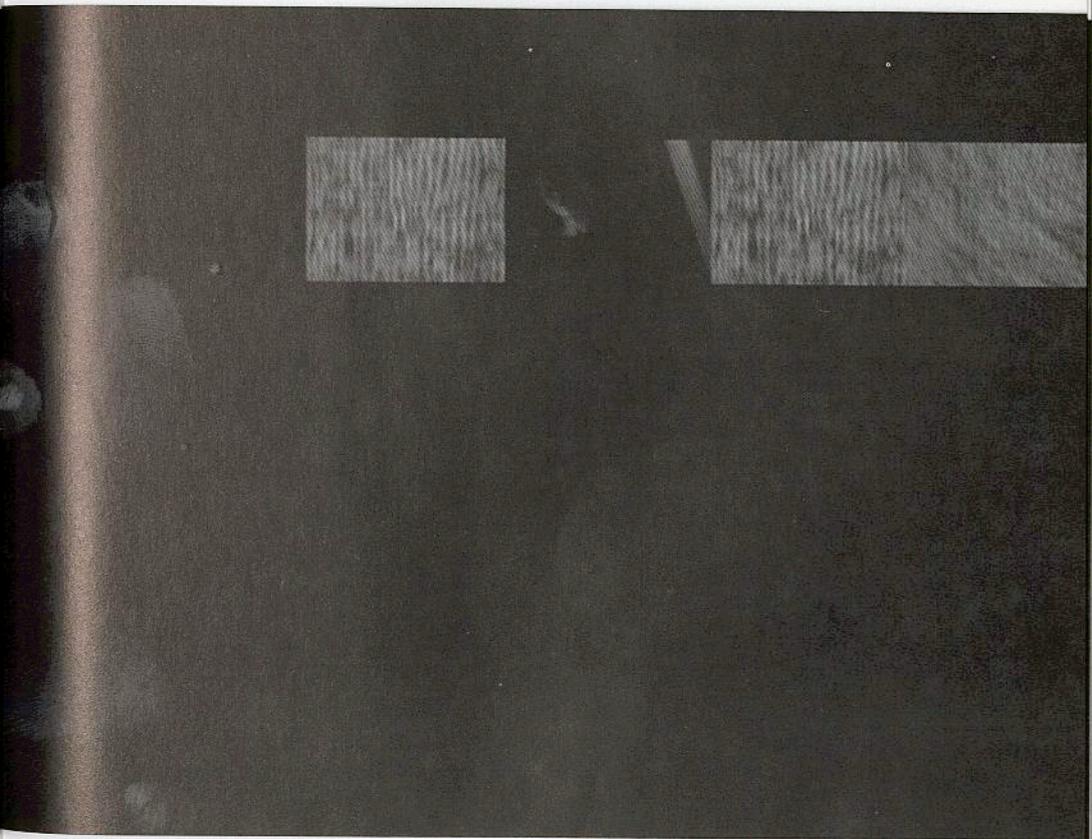


Escola Básica 2,3 D.Nuno Álvares Pereira  
Tomar

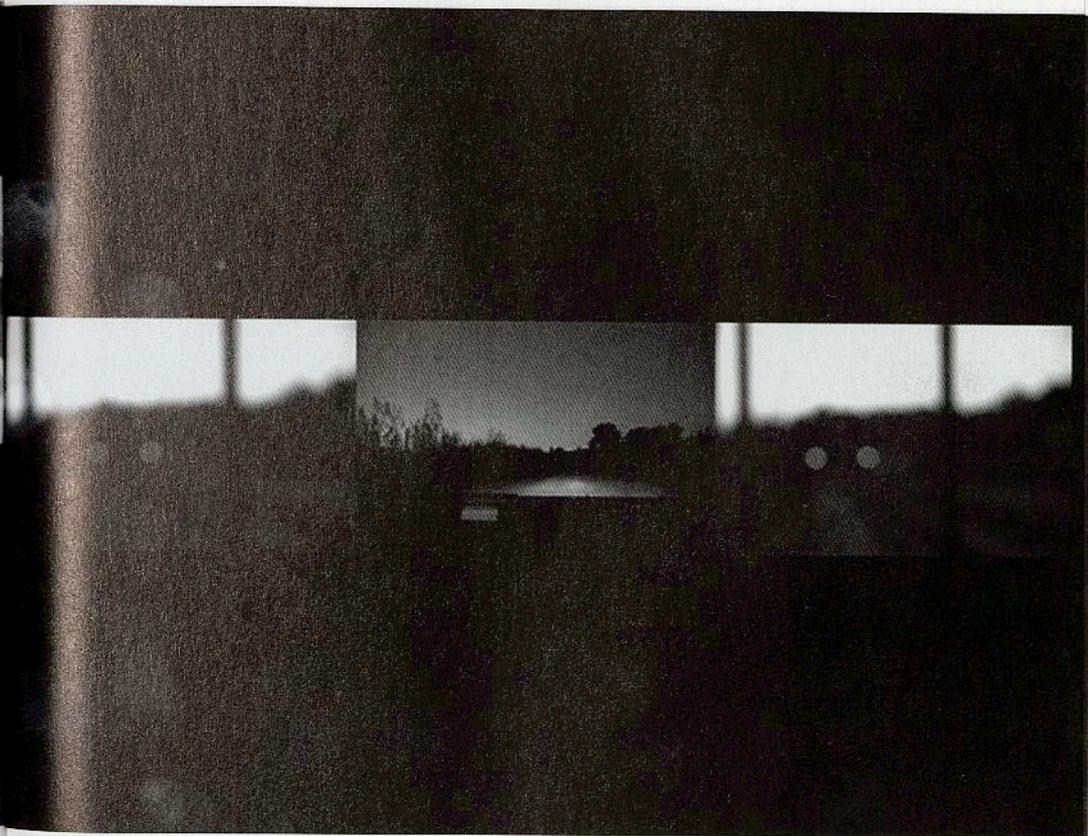
MARTHA MORAIS

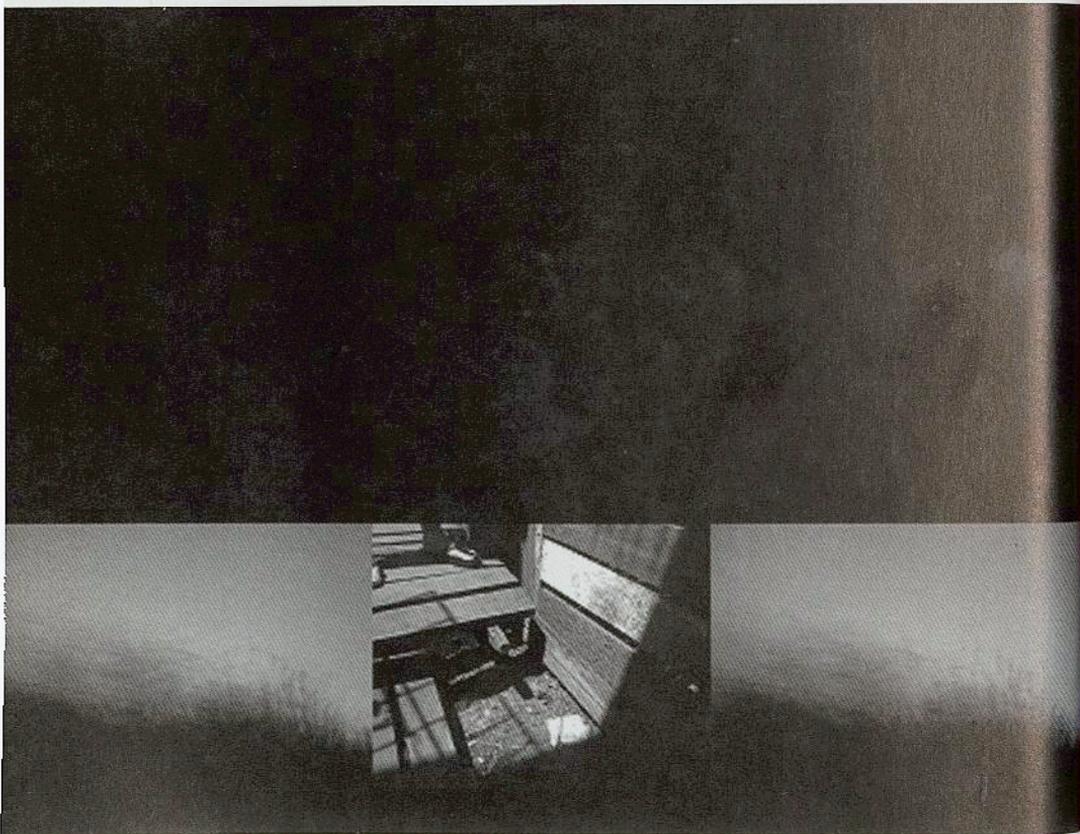
*ACONTECE*

João Tiago  
8.ª A









MARGARIDA AMORIM

(inspiração de Herberto Helder)

mães - mãos em coração lavradas





deixaram-te  
foram  
deixaram-te cair

por isso as chuvas  
te foram recusadas  
e deixaram

(derivação de Herberto Helder)

mães mãos em coração lavradas  
mães orvalho profundo  
mães inocentes intrínsecas  
no aroma do seu bafo  
amadurecem o hálito purpúreo  
pelo meio da noite que adormece o berço  
saliva anunciando luz  
cantam da boca um hino litúrgico  
um ventre sagrado  
pelos picos da roseira  
passam alegres  
tremendamente puras  
até à altura das rosas  
que os envolve  
escorrendo chuvas para o interior da água  
gotejantes sangue suor  
respirando os filhos silenciosas  
queimando o amor belas  
intrínsecas ali vendo tudo  
mães candeias puras

## MARGARIDA AMORIM

“por isso as chuvas  
te foram recusadas  
e deixaram de cair as águas  
da Primavera”

.por isso.  
foram-te recusadas as chuvas  
recusadas chuvas  
recusadas recusadas

e deixaram de cair as águas  
as águas águas as  
águas da Primavera  
deixaram de cair

as chuvas deixaram de cair  
as águas deixaram de cair  
da Primavera foram-se  
as águas as chuvas  
recusadas

chu-vas-á-gu-as-chu-vas-por-i-ssó-por-i-ssó-por-i-ssó-dei-xa-  
ram-de-ca-ir-dei-xa-ram-de-ca-ir-fo-ram-te-re-cu-sa-das-re-  
cu-sa-das-da-Pri-ma-ve-ra-as-á-gu-as-da-pri-ma-ve-ra-dei-  
xa-ram-de-ca-ir-á-gu-as-chu-vas—á-gu-as

chuvas águas chuvas  
foram

deixaram-te  
foram  
deixaram-te cair

por isso as chuvas  
te foram recusadas  
e deixaram  
de cair as águas  
da Primavera

Parte I

linhas sobrecarregadas de  
linhas/outras fidalgas no  
estar em linha com as linhas  
vistas e vestidas com  
aromas de sarças e urzes  
queimadas agora num  
cigarro que respira da morte  
O dois precede o três  
numa ordem alucinatória  
ruim? falou, disse dos três  
entrou na fresta enregelada  
louca e cega de luz  
doente de um brio que não  
sabe do frio, sabe a mal.

Parte II

as linhas bruxuleiam em paz  
de alta tensão prescrita.  
acabaram num frenesim de lides  
Todas tortas!  
– as linhas sabem não ter dono –  
mestria esta de ser usado  
por linhas que bamboleiam gratas  
lindas e feias de uma má vontade  
Deixem-nas!  
as linhas não sabem do sinal  
partidas as linhas não são  
plurais que ousam singulares  
linhas que ditam vontades  
linhas que mudam trajectos  
linhas.

Parte III

linhas sujas em tentativas  
 de não serem mais que –  
 ou talvez – menos linhas  
 engrossadas em torno de revoltas  
 revolutas no espaço que existe  
 entrelinhas lê-se o  
 tudo de uma linha  
 tresmalhada.

## PEDRO SOUSA SILVA

### *Catch*

Estou a derivar um poema  
A partir de outro que apanhei  
Ou escrevi?

*Catch.*

Não sei.

Mas tenho esta sensação  
De que não se deriva assim  
Estará mal?

*Catch.*

Enfim...

Para derivar, só as palavras  
É batota escrever sobre o acto  
Será poesia?

*Catch.*

De facto.

— as linhas sabem não ter dono —  
mas não sabem de ser usadas  
por linhas que bambaleiam gratas  
lindas e feias de uma má vontade  
Deixem-nas!  
as linhas não sabem de usar  
partidas as linhas não são  
naturais que usam singulares  
linhas que ditam vontades  
as linhas que mudam trajectos

*Derivation on Charles Bernstein*

Burn, Charles  
And stain  
The floor with your crispy juicy grease  
Crispy, crispy, juicy grease.  
Stain. The floor.  
Burn. Burn, burn, Charles,  
Crispy, crispy, Charles,  
Stain the floor and burn.  
Burn the grease and stain  
And burn the floor and burn  
And burn, Charles, stain.

crianças

Ficam só as estrelas dos dedos estilhaçadas.

Precisávamos de demorar.

Ficam só os bocados dos muros mergulhados em  
fogo de pó.

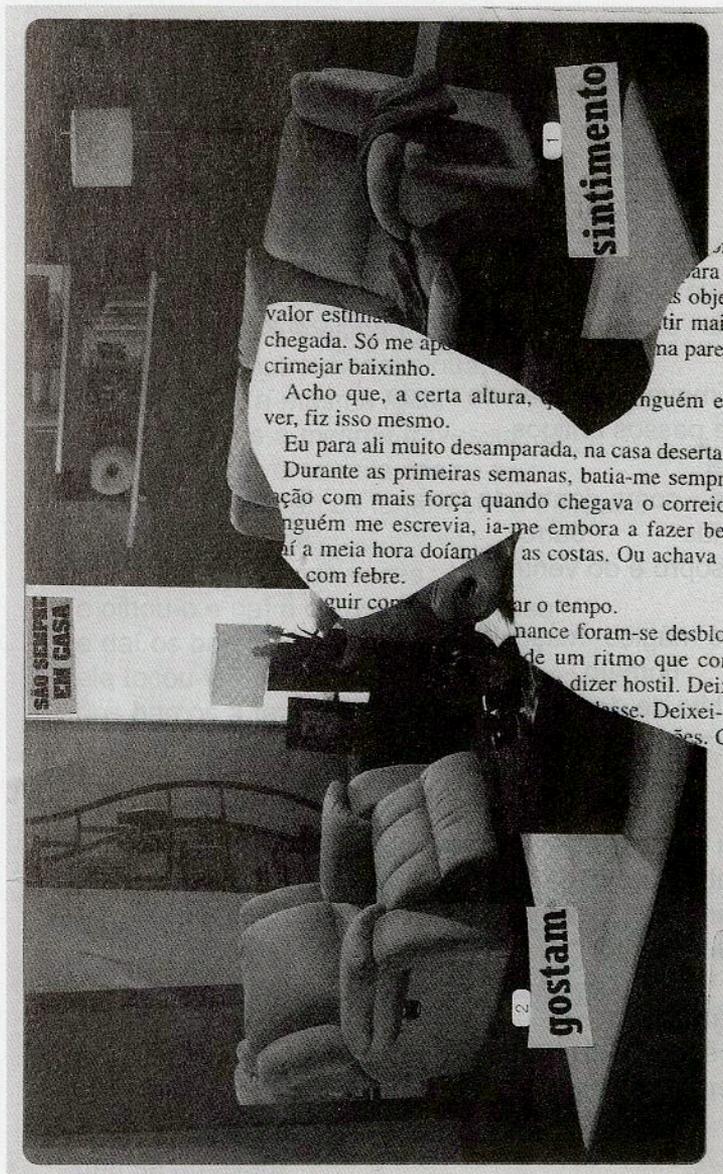
Assim se inventam as traseiras das áreas abrangidas pelo  
corpo.

Delito de uma trégua infundada.

Detrito de queimar as estrelas  
a contradição da nascença.

uma criança inteira a protelar os lados da parede  
mais molhada

a jorrar devagar a origem do futuro



lar do c e i a r

imagem: catálogo Sofatini; col. Primavera-Verão 2006

legendas: Jornal *Inimigo Público*

texto: fragmento de Cláudia Pinto Correia, *Mais que Perfeito*, Relógio d'Água, Lisboa, 1997.

# JORGE FRAGOSO

Energia

carne

terra

Derivação de  
*Tribal Memories – Passages 1*  
de Robert Duncan

No lado grave do triângulo                      parte  
rasa o plano    o pássaro verde                      o todo

todas as primevas primícias de verde  
a mulher de passos antigos  
sobre a erva  
como deusa    como dentro da terra                      branca  
a lama-húmus                      barro  
criação do sopro e do ventre

o triângulo é mágico    másculo  
divino                      homem                      pássaro-fogo  
nenhum hábito de dedos  
o toque água da pele nenhum grito de parir  
sagrado                      sublime

a deusa é a ausência                      branca  
falha na cratera breve do tempo  
produz o sentido                      os sentidos                      prazeres do corpo  
faz-se esquecimento

não sei pela tarde  
o mistério esquadro do triplo uno  
quero sorver de dentro  
a fêmea                      febril    força    do princípio

**Eles os dois os barcos**

Os dois barcos fazem a mesma travessia  
 ela olhou-o muitas vezes antes da casa  
 a conversa pela casa como os barcos  
 a percorrerem a mesma travessia  
 a mesma ou outra mesmo igual que é  
 o mesmo ser a mesma igual  
 os dois barcos a mesma travessia  
 depois da conversa pela casa  
 nunca mais os barcos fariam outra travessia  
 que não a mesma  
 ela olhou-o algumas vezes  
 e olhou-o e daí a conversa pela casa  
 e daí os barcos na mesma travessia  
 ele tocou-lhe a face com o mesmo carinho  
 dos barcos a fazerem a mesma travessia  
 o álcool ardeu dentro dos olhos  
 ele juntou os dedos diante dos olhos  
 pensou no álcool e nos barcos  
 pensou nunca mais dizer a mesma travessia  
 o mar morreu feito só boca sobre a rocha  
 e os dois barcos ela e também ele  
 a fazerem a mesma travessia  
 de espanto e de medo e de projecção do medo  
 na mesma tela da mesma travessia  
 como os barcos  
 a mesma travessia os dois eles os dois  
 poucas palavras para dizer  
 que se amavam

# CONCEIÇÃO RIACHOS

No  
ventre pirotécnico  
do discurso  
onde  
palavras caem sem eco  
fluindo a origem obscura  
em  
fantasia sem rasto  
a  
grafia converge o granito  
transparente  
do percurso

## Cruzar o espaço

absurdo

frágil \_\_\_\_\_ com

perecível

um sorriso disfarçado de papel colorido  
a ressalvar a história

que **dorme devagar**

no abrigo terreno da ênfase

**um dia qualquer**

a forma insidiosa

ermo

ocupa o lugar \_\_\_\_\_

meio esquecido

monta

exercício compulsivo de \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_

desmonta

**no cume do coração**

a profecia irresistível rende-se

à fúria desvairada **da trovoad**

Graal alternativo de caçador

**improvável**

# LILIANA VASQUES

a voz na voz é um cone que me **come** comunicar, que me cabe comunicar. **acto** de rasurar, de surgir com a boca palavras outras, como um ferro estriado sendo carne em vibração. **talvez** o cárcere do nu, talvez como a cor do **ferro** interrompendo pela estria a possibilidade de significar numa **só** palavra. comunicar é um momento de cilício **debruçado** sobre duas cabeças condutoras da fisicalidade

de dizer sem

é sem

na hora de sair airosamente. não olhes para trás. um momento assim

atordoar a preponderância do mundo

encenar um sítio para colocar braços em cima de parapeitos

**braços**

volume

do

silêncio é, sobretudo, a **antecipação** do ruído. é necessário antecipar e saber que acaba o ruído é um arquétipo **de** quotidiano. pausa-se o ruído pausa-se a **voz** desbotada o quotidiano é uma infraestrutura

diagonal sobre a cama

sobre a imagem

sobre a massa

sobre a concentrada a *ver branco*

**falar** comunicar é sem falar

querer. construir

uma **caixa** de

nada a partir

de nada

talvez o

cárcere do

nu, que

recupera a

pausa a

caixa de

nada **cabe** no

trabalho de cem

entrançando

silêncio. O volume do

o cristo atravessou  
se em recto  
a cruz ou  
a mão dilatada  
em testemunho  
o cristo acolheu  
um cristo em  
ou algo que cai  
ou aneurisma  
de luz  
sangue sob  
a perpendicularidade  
dilata a mão  
a cruz não  
a cruz não  
do cristo alto  
sob o corpo  
ou garrote  
ou por A+B  
não surge  
não  
se foge à contração  
ou  
não se cai  
em eczema  
ou  
não se nega  
a cruz não  
a cruz não  
ou embotamento  
ou deferimento do corpo  
ou  
como se tutano  
clampado não serei  
um rio  
não serei  
a mão serei a cruz  
não  
a cruz não

# LILIANA VASQUES

como ranger os dentes e o som

pela boca como parar  
ali ao lado não colher pés do chão  
escreva uma pergunta  
como recolocar o retalho

da mão como  
pergunte como  
entrópicos

escreva uma pergunta  
porquê  
o cio de quatro

combustão porquê  
a glote como a raposa encadeada  
escreva uma pergunta  
porquê os

os olhos sincrónicos a boca toda acocorada  
porquê pergunte porquê não assim

escreva uma pergunta  
quanto de vozes ancoradas ao  
quanto de corpos dobrados em  
escreva uma pergunta  
quanto de calores como

quanto pergunte  
quanto de momento sustentado

circun  
dando os cavalos debitados

no sítio certo

alternar o calor dos braços

de paredes e a alteridade fazendo-se

factos mal cicatrizados

chão queimado  
enclave

casca  
eclâmpsia

em ricochete

R: a mulher queria ser gato mas fez-se quadro

vai marchar soldado  
recolhe as mangas e vai marchar  
vai bem rápido porque se não  
perde o instante da rosa tocando no chão  
e talvez com a poeira fina nos olhos  
não consiga sentir o silêncio desse perfume  
vai marchar,  
mas vai desarmado  
carrega só os pulmões e a saliva quente  
para espalhar o grito e sacudir a boca,  
arrebentar o quartel e  
virar samba, poesia armada até os dentes.

## REBECCA LYRIO

furei o céu e as estrelas  
começaram a cair  
fiquei imóvel vendo toda aquela  
purpurina escorregar no tempo  
já era fim de tarde e  
minha saliva não ardia mais  
fiquei morna  
mesmo sentindo o pulsar vermelho  
a saia de bailarina manchou  
mas ainda consigo rodar

tem pouco pano  
mas as estrelas ainda estão  
caindo  
ainda tem brilho escondido  
no sonho  
ainda tem...

a viagem: que vejo para além  
 tem, nos olhos, transefeito, o mundo do olhar em verniz,  
 que corre em jeito de do fio branco e brando  
 sol, que s'entorna e sobe  
 poente. de volta, abaixo e roda,  
 nos vidros, que lhe cabeceiam o olhar tem quebra nos ombros,  
 espigas, mil fio branco terra em virtude maternal.  
 vales, de linha, seu olhar tem descrever o que  
 ternura vem;  
 de arroz humedecido. o que  
 seu traje é simples, como está  
 é a vida o  
 comboio  
 vagos traços de vermelho, sobre a pele, gaiatos em rosmaninhas ilusões, criança.  
 enfunada vela de pano, a roupa e pele  
 cálida de espelho em água. tenho partido, eu, em mantas,  
 sopra arroz partido,  
 no constante prado. é com'o eco, ressoa a  
 mas a verdade... parêntesis de sobra,  
 a verdade tem mil olhos a mão sobre o peito,  
 contos, rodos, folhos, carrego carruagens de sol, nos tornozelos.  
 centrados em saia de muitos e muitos modos, tenho fome:  
 a estranha, a vertigem do inclinar

na linha curva daquele tornozelo, à janela do olhar, envidraçado,  
é a pena, o fustigando passar  
a pena de pernoitar é como o eco,  
cansado em ventos, de uma criança.  
em terras de mourejantes tormentos so, we danced,  
na bandeja do amanhã. naked at  
a pena, the sound:  
é de luz, de escarro salgado river throats  
que trago todo, tenro encargo, that so flush  
comigo, que sonhei. into  
a pena percorre o caminho songs that long for  
numa palavra de troca so long  
ago.  
que pinto breve e me adoça a boca, but, we danced,  
em tons de embalo, a estranha in broken cots  
entra-se, no sonho: to train-less steps  
a ilusão, intérmina viagem. that lead...  
for nothing else we  
mazed the world  
and danced so swirling!  
that stept out and broke away  
the trip. to trip  
some time in this between.

Salva

Esta palavra não será  
l(amb)ida  
esc(arrada)rita  
Esta palavra não está  
no som desta linha, ou ecoa  
no branco copioso de um  
enrudecido  
papel

Quando pela última vez se abriu  
o vazio  
na pedra do leite do ventre  
do último rio  
Do suspiro rosado da alvorada?

Qual a matemática da dor?  
Quantos gritos prefazem o  
som  
do !não! ser existente?  
Quanto suor no sangue?  
Tavez seja o

poder

da pálpebra que  
tenta  
sorrir tem toque de

calor

talvez o preço da indexação da vida ao sonho  
E a flutuação e desvalorização do amor  
termalizem o tédio.

Doem-me as fontes  
da traço-vida-traço-barra cabeça

E N F I M

deleteENTER

escape space escape epacseescape space escape

[SHUT UP!]

Esta palavra não chegou a ser  
a linha desta vida não existe  
TU NÃO ÉS O  
fim.

Salva

Salva solvida num trago  
 foste já por entre saliva  
 saudando as sanefas do estômago  
 Salpicas o chão da sala  
 saltas solta da xícara  
 e soberba sopras a quietude  
 saliente desses seios imaginários  
 saídos do sôtão do bule  
 És sal, suor, sagrado chá  
 que salvas sandeus e afrontados  
 Sanados os assédios do ventre  
 sôfrega salvas-te sem sentido  
 no erotismo da borda de  
 uma xícara.

## AIRES GOMES FERNANDES

### Espigas

As pálpebras das espigas,  
icebergues presos ao chão,  
o folhepo, estalado, véu de luto,  
vertiginoso covil  
ressequido de parede fio  
roncando na íris da noite  
como se o grão adormecido,  
sépala de caule nenhum,  
fosse probabilidade ou  
instante de aroma chovido  
poisando as escuras listras  
na debandada dos que grasnam  
crispados de ave rotina  
arrelhando os espantalhos  
que chamam os pássaros idos.

não se suportam  
a vizinhança enrolada pelos gatos  
– desgaste  
da ventilação sobre a mesa posta  
(sobreposta) e pertence-lhe a correia  
de transmissão essa fica a olhar  
o levante de terras  
e emana o gesto numa das escoriações  
trazida de muito longe para que o mestre  
tenha a sua implantação de ouriços  
que ao depor das armas  
passam o tempo em buscas dos moinhos  
da apanha do sal  
ainda muito longe da escavação  
onde se santifica a pertença  
de tantos grãos de golas subidas  
a quem faltam talheres de fitas  
– está-se a rir e não era ele  
que pedalava junto ao feitiço  
e tapava os ouvidos. De vez em quando  
embarcam no bule de chá e tem  
já pouco para tanta gente – a casa cheia  
por causa do estado de cólera  
e desta vez vão atrás dele  
nem que seja pelos espanta-espíritos  
e foi depois arrastado  
de tom em tom até que o ataque  
siga a sessão de pugilato  
e queira tapar os ouvidos

por causa do rapto dividido  
 por todas  
 com as parecenças da

peça de chaminé

albergo  
o chaveiro e o fabricante de cimento

a cara tripartida em cinco telas de pó  
quando o artefacto vem já desde as lajes  
deixa-se à espera para compor esquinas  
– resumo da descrição com um  
capitel do torneio ao deixar de entender  
porque a esfinge usa abas largas demais  
– deixa-se cair da mesma decomposição  
do sequestro. enquanto o torneio dura  
e constrói a fila de arranha-céus  
com o mesmo plano de lumes  
que o toque de espelhos  
não diminui nem escolhe de entre  
rampa de arranjos florais  
ou pouco a pouco a esvair-se  
seria por elas que mais de trinta  
oliveiras largavam o turno  
ouviam dizer que faria menos cinza  
no outro rebanho e por isso  
a abertura do mealheiro fazia sentido  
– o seu apelido de chama entre  
o gladiador de artes mágicas  
enquanto a gabardine não enche  
ou começa

dos dias aos poucos  
reabrem as comportas

## CATARINA COSTA

os órgãos tocam:  
a infância é o extermínio –

o início de uma missão  
que se cumpre pelas velhas patas  
dos insectos

as flautas anunciam:  
a infância destrói os adágios  
do útero

os insectos calcando os fetos  
enquanto o destino coagula nos pântanos

velas  
de velhas visões ardem lá em Oríon  
crematórios de naufrágios quânticos

"A morte é a mãe da beleza".

Wallace Stevens

Há na morte uma criança de resina  
demasiado breve  
um rosto de musgo antigo  
que não pode  
um berço infinito onde  
as alucinações sonham  
sempre depois

Nasce a serenidade  
nasce-se a morte  
renasce até à procriação  
fútil das tulipas

a morte dá à luz  
criança em sofrimento  
pinta em vitrais  
as mães enfabuladas

Suicídio – a erva-criança  
despede-se do Sol  
voluntariamente  
inventora do requiem infantil

e do desenho animalesco talvez artístico  
da penúltima fábula

## CATARINA COSTA

Subitamente a fábrica  
luz de mercúrio que incinera o tempo

o álbum de fotografias  
materializa-se em vitrais  
um gótico nu  
personagens olham miram matam

ela está na sua delinquência recôndita  
num banco de jardim sonâmbulo

vislumbra o filigrana das probabilidades  
acredita em presságios  
e isso basta

espera uma ocasião cinematográfica  
pois afinal a arte é uma certa  
redenção da matemática

ela fica ali até ao relógio súbito  
nada surgiu

do outro lado a fábrica continua inexorável

## o inútil

do exercício público uma malícia que esgota em manifestação baldada,  
um tudo encarquilhado até acanhar pobre raça.

o obscuro inútil de tez amarelada comunga de catarro expectorado  
ainda de viseira cansada sopra melodia de viciado  
sorri contentado com sua própria sombra de trejeito conformado,  
sob o macadame arrasta os pezinhos a rilhar respas de rebo.

Mas que fazer perante a  
ao tocar a Razão dismeada  
mente  
e o tempo que lavava a  
por onde evacua a luz  
Esse tempo que se fez

Não era isto um  
uma múmia a esse  
mesmo um clarão  
zênite presente

o ódio

linear sob lua propícia faz-se guerra a sangue  
tio sam, no regaço da anca oscilante à john wayne, tem coldre de chumbo  
cavalga como o herói sem nome e os cascos a trote levantam o pó secular  
por fim apeia-se como uma *'mise en scène'* à john ford  
numa qualquer cidadezinha e avança de trejeito gingão,  
assobia batuta de melodia da américa profunda,  
disfarça a sedimentação da voz do argumento arrogante

de súbito saca o revólver, não longe alguém tomba com sangue quente a jorrar

derramado no pó de o.k. carol a brutalidade a impregnar... ódio  
ódio, ódio...

ódio elevado a religião

da permanência do tempo em si – por de fora da  
sua agronomia de pincelada cor-cinza  
da mística do esquecimento perante a revolta da  
permanência  
da insolação da pele retalhada ao confinar dos  
espaços sísmicos de onde se injectam as pérolas  
na morada penteada onde se abrem os caminhos  
das auroras de espinhos  
as bocas acordadas imaginando as paisagens por  
onde a luz se a-levanta em brio  
Nelas circulava o tempo-aberto, todos os templos  
onde os tempos se faziam e as memórias eram sons  
palpáveis de onde ecoavam bálsamos e canções de linho  
E os cânticos das Raízes eram sibilas de glória  
presenteando-nos  
enunciando-nos carreiros de espanto

Mas que fazer perante a nascença dos passos  
ao tocar a Razão desmedida dos cristais encrostados na  
mente  
e o tempo quedava-se ante a atrocidade nos sítios  
por onde evacuamos a luz  
Esse tempo que se fez ent@e

Não era isto um feitiço nem uma defenestração ou  
uma múmia acesa perante os naufrágios nem  
mesmo um cipreste de agachada melancolia ou um  
zénite presente

Na boca do hemisfério humano havia um nó – um robusto incêndio apenado de galhos, inscrições mortas e muita cinza – onde o Tempo se via beco-escuro-palpitante na evaporação da pele

Havia a metamorfose dentro da direcção dos pássaros e as rochas esfumegavam-se perante o horror de cada passagem – porque só o horror reconhece a face límpida da harmonia

Há, por debaixo da plasticidade dos mitos, uma abertura, uma verticalidade inalienável, uma construção de primórdios por onde rebolam as auroras. É nesse princípio iniciático que se movem as fagulhas. Não era isso uma vontade prismática ou a percepção da queda. Era isso uma acrobata de trapézio agarrado às orelhas. Um trapézio por dentro do mecanismo do vento.

Haveria por cima do agachado lugar a que chamamos mundo uma imensa melancolia. Haveria também uma alegria esventrada, por onde passeiam ocasionalmente as aves de bico breve.

Era uma imensidão de tacto, uma faculdade de admiração e todas as casualidades que se alimentam da busca. Seria um lugar de prismas, de perscrutações agudas e diáfanos encontros. Era aí que se ancorava veementemente o trapézio. Era um encontro de buscas, uma harpa apeada perante o divino. E não haverá retorno da vontade.

# RITA GRÁCIO

## Casos de Segurança Pública

Em todo o caso

se vir uma ave morta não lhe toque  
avise imediatamente as autoridades competentes  
que têm meios apropriados

para ensacar

se vir um mendigo na rua não lhe toque  
avise imediatamente as autoridades competentes  
que têm meios apropriados

para limpar

se vir a loucura duas filas à sua frente não se meta  
com ela  
avise imediatamente as autoridades competentes  
que têm meios apropriados

para ignorar

se vir um acidentado na auto-estrada  
avise imediatamente as autoridades competentes  
que têm meios apropriados

para fazer falar

Se a morte lhe bater à porta

Não resista

Não avise imediatamente as autoridades  
competentes que têm meios apropriados  
para ensacar limpar ignorar fazer falar  
bem como

problemas de sobra causados directamente pelo  
abuso excessivo de participações desnecessárias de  
aves mortas, mendigos na rua, loucos, acidentados  
O que leva à greve das autoridades competentes  
que se declaram por este meio incompetentes para  
lidar com a competência dos cidadãos.

Agora passo muito tempo  
 e m f r e n t e a o e s p e l h o  
 o h l e p s e o a e t n e r f m e  
 para acabar de vez com os lilases que nascem dos  
 pulsos  
 onde os seus caules se enterram nos ramos da  
 arcada até  
 espargirem  
 quartzos ensanguentados  
 friorentos.  
 Depois,  
 o barulho  
 (lebruit

obarulho

lebruit)

cai-nos todo em cima  
 como a manhã.

Na boca

cosida e recosida a ponto truz

Na boca

tecida e retorcida pelo bisturí de baba

nem as borboletas conseguem mais varrer a língua

agora purulenta

– e

m i g r a r a m

Nesta filigrana muda

fica apenas o marulhar da asfixia penúltima

a dos ferros forjados nas frestas possíveis

dos dentes

com glaucos grampos de

ti.

### Movimento indeclinável

.no meu espaço corres, como as formas sagradas do sangue.poderei abrigar-te amadurecido dorso no alastro que precedo.varado correrei às cegas movimento branco das formas orgásmicas no rio vermelho de batalhas.bebo ávido uma sílaba nua e límpida numa concha que flui de remoinhos da corrente.é sempre o desejo do movimento uno inteiro e fugidio das pedras.a estreita melancolia de margens acúleas.porque o oceano enraíza os golfos da chuva que chega para descansar a rota do sangue.as vogais à medida que a passagem julga reconhecer magnólias lambidas de pássaros assíduos emergem da franja dos lúzios.engolidas toda a corrente afeiçoada em bocas excitadas nos movimentos loucos das águas.aliinado vergão os cursos dos líquidos procurando derrubar no bafo as virilhas das formas primordiais.as águas além irrompendo noutro oceano invisível no seu peso. desconhecidos círios sondando outros caminhos inteiros no interior do seu próprio corpo.e vindo de longe muito longe dilacerando a carne ferrada sob o eco ímpio do movimento.escafandro louco de vozes seminais escalando a ordem da corrente o futuro que abre as feridas nos espigões que me alimentam ferozes.agora sob o inesgotável fluxo as palavras encarnadas de hemolinfa.movimento desenhado na urdidura do catorzeno a circulação obscura, como que exalando os **músculos abertos**,

Viagem

Quero reconstituir  
as aves a fala dura.  
Preceder o canto a  
mudez das sombras.

Repudiar a desilusão  
o sol prenhe nas quedas.  
Prolongar a expectativa  
a secura sob as chuvas.

Talvez o corpo das aves  
se sacie entre as palavras  
como as trevas dentro da luz.

Porque será nítido o espaço  
as nascentes varais as vozes  
excisas a benevolência do dilúvio.

## momento exacto

Existe sempre um momento (no plural) que se voltasse atrás (ou se houvesse essa possibilidade) teria largado tudo no seu auge antes que se iniciasse a queda inevitável de tudo o que sobe pela mão humana e está destinada a voltar a cair. Eu voltaria atrás, fechava tudo num quarto de um hotel, trancava a porta à sua saída, saía porta fora e deitava a chave pela janela do carro, enquanto guiava sem destino para longe daquele sítio. Nunca mais voltaria para trás e em mim restariam apenas as boas recordações, imaculadas.

(a partir de Fernando Pessoa  
e Herberto Helder)

Letras do relógio cantando mulheres cabelo do tamanho da  
salsa alma joelhos de noite silveiras bravas abrindo no escuro  
a cabeça do tique do ventre.

Cidade beneditina]

Sobre chão de coisas coordenadas

Engida por formigas, São as horas e as relações.

Torna-se na praia das pegadas fúnebres

Pela praia-mar, a deslocação.

## PEDRO OLIVEIRA

O que significa que é hora de refeição...

De várias coisas

O que significa que de várias coisas é hora,

O que significa que de várias horas é refeição.

Refeição significa que é a várias horas,

Que o que significa a várias horas são as coisas

[coordenadoras.

O que significa que as coisas coordenadoras

São as horas e as refeições.

## JOÃO PEDRO REGO CARDOSO

Um grão de areia na praia  
Areal de formigas atarefadas  
No ir e vir da maré.  
Pé humano que pisa a areia molhada  
Inunda a formiga que foge desesperada  
Por entre prédios de vinte andares.  
Cidade de areia  
Sobre chão de homens  
Erigida por formigas,  
Torna-se na praia das pegadas fúnebres  
Pela preia-mar da desolação.

## DIANA PINTO PARRACHO

*(Derivação de Florbela Espanca)*

E é amar-te assim-assim,  
É seres vida em mim assim-assim,  
É ter fome e sede assim-assim,  
É ter mil desejos assim-assim.

Que ter mil desejos sem ser assim não!  
Que ter fome e sede sem ser assim também não!  
Que vida em mim não assim é que não!  
E amar-te perdidamente  
E não assim-assim  
Definitivamente NÃO!

## DIANA PINTO PARRACHO

(Natureza) (humano) (tempo) (espaço)  
Um grão de areia dançava no momento imenso

(Natureza)

E eram simplesmente mar.

(natureza+humano+tempo+espaço) (humano) (espaço) (natureza)

Neles hesitava um imenso grão de areia:

(metal) (vegetação)

pedaço de chumbo, folha de árvore.

(tempo) (natureza)

Momento transformado em mar.

# OLGA PASCOAL

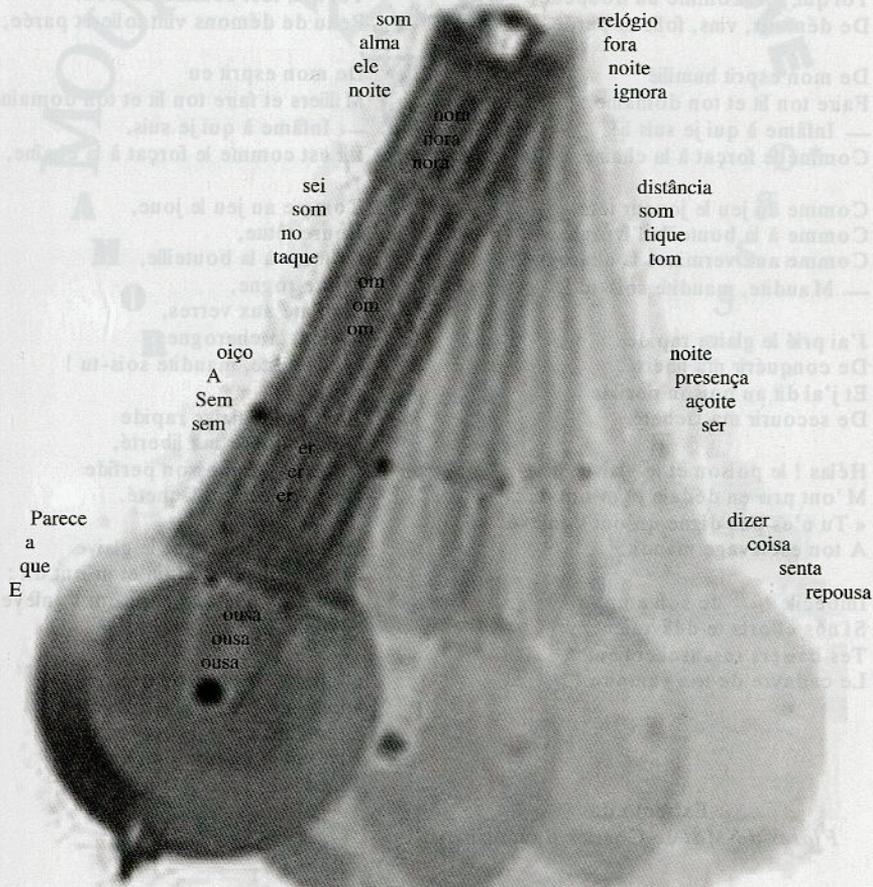
(A partir de Karen Blixen)

Ela sentia  
Como se ela  
Ela própria  
Ela e Peter

Ela derreter-se  
Ela dissolver-se  
Ela fluxo de prazer  
E ela salgada

Ela pelo mundo  
Ela infinito  
Ela oscilante  
E ela molhada

(Derivação de "O som do relógio" de Fernando Pessoa)



# LUCIE LAFAYE

## Le Vampire

Toi qui, comme un coup de couteau,  
Dans mon cœur plaintif es entrée ;  
Toi qui, fort comme un troupeau  
De démons, vins, folle et parée,

De mon esprit humilié  
Faire ton lit et ton domaine ;  
— Infâme à qui je suis lié  
Comme le forçat à la chaîne,

Comme au jeu le joueur têtue,  
Comme à la bouteille l'ivrogne,  
Comme aux vermines la charogne,  
— Maudite, maudite sois-tu !

J'ai prié le glaive rapide  
De conquérir ma liberté,  
Et j'ai dit au poison perfide  
De secourir ma lâcheté.

Hélas ! le poison et le glaive  
M'ont pris en dédain et m'ont dit :  
« Tu n'es pas digne qu'ont t'enlève  
A ton esclavage maudit,

Imbécile ! — de son empire  
Si nos efforts te délivraient,  
Tes baisers ressusciteraient  
Le cadavre de ton vampire ! »

Extracto das  
*Flores do Mal* de Charles Baudelaire

## Le Vent Pire

Toi qui, comme un coude,  
Couteau dans mon cœur plaintif es entré,  
Toi qui, fort comme un trou,  
Peau de démons vint folle et parée,

De mon esprit eu  
Milliers et faire ton lit et ton domaine ;  
— Infâme à qui je suis,  
Lit est comme le forçat à la chaîne,

Comme au jeu le joue,  
Heure têtue,  
Comme à la bouteille,  
L'ivre rogne,  
Comme aux verres,  
Minent la charogne,  
— Maudite, maudite sois-tu !

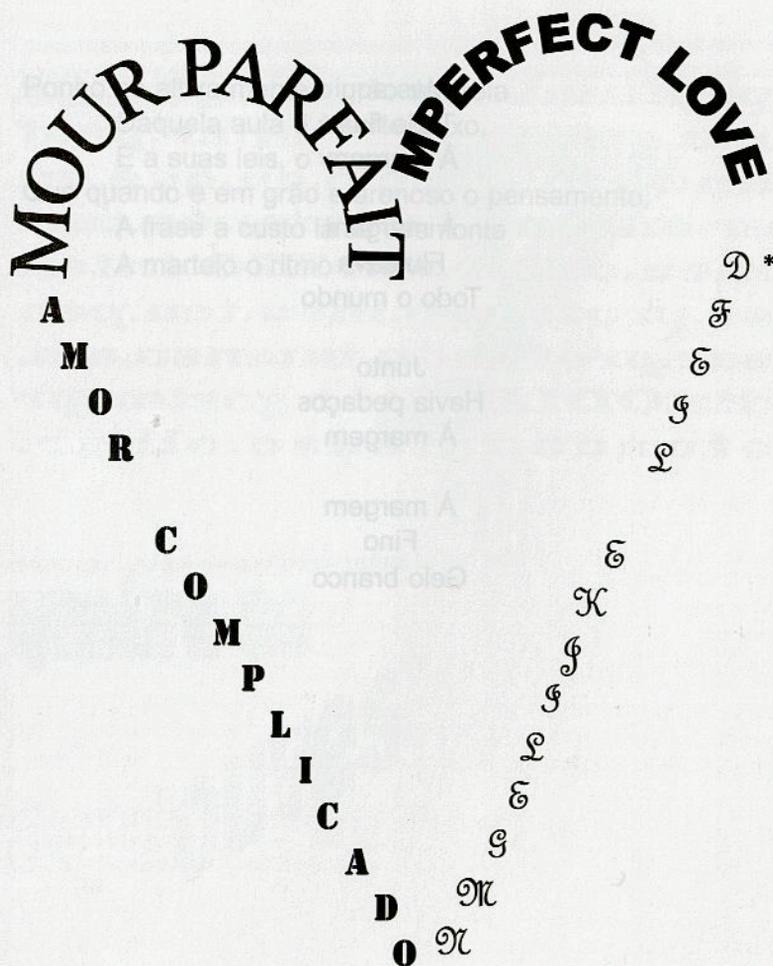
J'ai prié le glaive rapide  
De conquérir ma liberté,  
Et j'ai dit au poison perfide  
De secourir ma lâcheté.

Hélas ! le poison et le glaive  
M'ont pris en dédain et m'ont dit :  
« Tu n'es pas digne qu'ont t'enlève  
A ton esclavage maudit,

— Imbécile de Sonan !  
Pire si nos efforts te délivrent  
Et tes baisers ressuscitent  
Errerait le cadavre de vent,  
Pire ! »

Varição — “tradução”

Les Différentes Facettes de l'Amour



\* impossible love (in Dutch)

# SUSANA SANTOS

(A partir de Karen Blixen)

Mas aqui  
Tudo fluía  
À margem

À margem  
Flutuava  
Todo o mundo

Junto  
Havia pedaços  
À margem

À margem  
Fino  
Gelo branco

O não eu

*(Derivação de Ricardo Reis)*

Ponho na altiva mente o grão de areia  
Daquela aula e à sorte deixo,  
E a suas leis, o verso;  
Que quando é em grão e arenoso o pensamento,  
A frase a custo lá se desmonta  
A martelo o ritmo o serve.

# RAQUEL CASQUEIRA

Profundo/Intenso

(A partir de Karen Blixen)

**profundo.intenso.proble  
ma.este.meu.sonhar.prof  
undo.intenso.o.eu.que.qu  
er.encontrar.intenso.teu.  
meu.olhar.ODEIO.inten  
so.profundo.meu.teu.pen  
sar.profundo.intenso.ela.  
diz.ODIAR.não.gostar.pr  
ofundo.intenso.olhar.**

A margem

Fino

Gelo branco



## JENNIFER MORAIS

Chuva

O que vier  
Cai a chuva ferozmente  
Aqui o som  
Sem se molhar o som  
Que nos fala  
Vem a chuva  
Que nos aquece  
Desabafo do sol  
Felizes são  
Plantas  
No ar nada paira  
O que acontece  
Chove da alma  
Transparece

**Palavras**

- Inspiração criada
- Cascata de palavras
- Sem razão penso
- Libertar as palavras
- Lista
- Sem nexos
- As palavras
- Com sentido-não
- Processo incansável
- Que resiste
- Em cada tentativa
- Expandir a consciência da palavra
- Um outro
- Um outro desafio
- Desafiar a outra palavra
- Ser a palavra que desafia

## JENNIFER MORAIS

### Sem saber

Um vento tranquilo  
Ser ar  
Sem sabê-lo sinto,  
Num hoje que é ontem  
Falo sem voz,  
Voz que não transmite;  
O tempo toca,  
A folha cresce,  
A sombra desce;  
Círculos no ar  
No voar do mosquito;  
Sem sabê-lo minto,  
Torneira do tanque aberta,  
Traços de caminhos  
Sem passeio,  
Colorida-mente  
Caneta entre dedos;  
Sem sabê-lo, pinto.

especial

MARGARIDA AMORIM

especial

**SEMANA CULTURAL  
UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA - 2006**

**"De Mar a Mar"**

Sem saber

# SEMANA CULTURAL UNIVERSIDADE DE

Um vento ouvindo

Ser ar - 2006 COIMBRA

Sem saber

Não há que o não

Por não o não

Estimando o não o não

Um vento ouvindo

"De Mar a Mar"

A não o não

A não o não

A não o não

Um vento ouvindo

A não o não

Um vento ouvindo

A não o não

A não o não

A não o não

Um vento ouvindo

A não o não

l a i q s e

## MARGARIDA AMORIM

### Canto ao mar

(derivação do "Cântico dos Cânticos"  
traduzido por Fíama Hasse Pais Brandão)

do profundo do maior profundo arrasta-me  
atrás de ti arrasta-me em tuas carícias  
arrasta-me atrás de ti  
puro espírito as tuas carícias  
as tuas carícias espírito puro puro  
pura a tua vinha minha para mim também  
suave também leite também  
leito de verdura  
eu negra rosa negra entre os espinhos  
tu luz doce doce na minha garganta  
sinto doçura na minha garganta sinto  
sobre mim o amor sobre mim o teu amor  
sobre mim a tua voz atravessa montes  
salta colinas salta salta sobre mim  
a tua voz o teu cântico a hora do cântico  
chegou o meu exílio meu passou  
ergue-te a ti mesmo ergue-te e leva-me contigo  
doente de amor que estou leva-me contigo

despojei-me da minha túnica tua e as tuas  
madeixas tuas como palmas crespas crespas pendem  
do meu corpo negras negras como corvo  
do meu corpo que o sol enegreceu  
pendem as tuas madeixas negras  
leva-me contigo  
do profundo do maior profundo de ti  
comigo contigo chegarei a outro profundo sem tamanho

MARGARITA AMORIM

numa outra onda numa outra maré  
cavalgando maramar  
cavalgando amor  
cavalgando minha alma minha tua alma tua  
cavalgando cavalgando sem talvez talvez jamais  
jamais te descobrir  
encobrimento meu – teu até ao fim

mar de amar o mar de amante  
 diamante dia-amante de sombra-mar  
 jornada de mar amar  
 (encontro na caverna submersa  
 do mar em transe)

ciclos revoltos em luzes –  
 baças de brancas,  
 estriadas, –  
 espumam ramos no gume  
 sanguinário  
 –, o pão que o diabo ,–  
 comeu de duas vezes  
 praias e trechos de passeio  
 línguas luzidias em pés  
 bronze-feitos, nus.

o tumulto veio com o ruído,  
 morre por dentro da beleza,  
 caiado no estuque de poros.  
 sorvem-no por alto da balança,  
 sugam letras onde  
 – nem sequer –  
 chegou a haver.

sem morte ao mar  
 mar de sono a dormência dos navios  
 descante o mastro bandeira o mar  
 o sono a dormência do mar  
 areia do mar dormiente  
 ópio do mar os dedos  
 cavados no sangue  
 do mar

## JORGE FRAGOSO

### Mar de amar

Modelo uma forma em forma de mar  
poema de procura descubro no seu olhar  
onda de pele estrela do mar de carne  
via láctea dos dedos  
mergulho no mar de amar  
acima do mar marte se marte no mar  
descansa num sossego no desmar desmar do mar

### Amar o mar

em mar de amar  
regresso à sombra sempre a sombra e a penumbra  
do mar amado mar de amado amando o mar  
em mar de amar

todo o corpo é mar de leite  
mar de cama amante o mar  
corpo de mar em corpo de amar  
a traição dos dedos  
de sal infiéis  
fieis à voz de lágrima-mar  
mar de sal quanto sal  
quanto mar de sal no poema do sal do mar  
as lágrimas do regresso  
à língua à loa à lagoa leve  
do mar da calma  
calma mar

mar de amar o mar de amante  
diamante dia-amante de sombra-mar  
jornada de mar amar  
(encontro na caverna submersa  
do mar em transe)

Cavalga cavalo de mar  
asas de onda  
púrpura da cor dos tigres  
infantes de carne ao mar  
é o mar montada boca alada  
arco de ave côncavo mar  
paixão do voo de voar o mar  
amar o mar amante amado o mar  
língua de onda a correr  
grutas cavadas no mar  
que treme o mar soluço  
o mar cilício mar de todos os nomes

som ancestral do poema  
homem do poema  
mais palavra que a morte  
o mar da morte  
sem morte ao mar  
mar de sono a dormência dos navios  
descente o mastro bandeira o mar  
o sono a dormência do mar  
areia do mar dormente  
ópio do mar os dedos  
cavados no sangue  
do mar

o mar amante do mar de amar  
se pudesse a citara  
citar o mar todos os mares  
do mar da cólera ao branco mar  
mar da praia mar da palha  
partidas de mar a mar  
e todo o tempo do mar  
e depois o mar do mar  
e depois o mar sem mar  
e depois o mar de amar  
amante o mar do mar de amante  
o regresso ao mar em transe  
e ao mar  
ao mar  
ao mar  
...

Poema Self-Service

se eu pudesse...  
 atravessava o mar só pra sentir as ondas dando  
 [cambalhotas no meu corpo  
 corria para a areia bem quente,  
 para ver minha saliva fazendo fumaça no chão  
 agarrava a brisa com as unhas  
 riscava na areia o desejo mais forte  
 e sorria para os orixás não acariciarem as ondas  
 ficava de joelhos no tempo sentindo os lábios se  
 [dissolverem no grito  
 deixava o corpo dançar com a roupa rasgada

a mercê dos ponteiros da vida  
 contando suavemente  
 menos um...

... menos um...

Pode ter um arpão a sangue

Pode ter uma barcarola depois da festa

Pode ter (raios de sol a rasgar) as mangas

Pode ter dias afogados em ciumes

Pode ter escadas opalinas

Pode ter galvotas automáticas

Pode ter vivias arreganhadas

Pode ter a nação inteira no dorso

Pode ter manchas negras pegajosas

## AIRES GOMES FERNANDES

### Mar delido

Desces por assinalados cantos  
que passaram além-mar  
Esforçados recados que ondeiam  
no teu peito luz  
Fundeio-me no bolinar da tua cruz de água  
dorso mar  
E soltas as amarras, vais  
e amarras-te no não mar  
Remota sina deste reino enrolado  
no xaile azul  
a de ser do tamanho mar corrente  
preso no espelho d'alma mar  
Transtorno sonoro, sós, intimamente marulhando  
mar solto, envolto  
Voltarás de face índica  
e serás mar  
Meu dorso mar, aguado eternamente, por olhos de um povo  
que verte Portugal  
para o teu âmago de mar e dor.

**Poema Self-Service**

Isto é um poema sobre o mar.  
Pode servir-se do que quiser para pôr no poema sobre o mar.  
O poema pode ter peixinhos  
– ou não.  
Pode ter corais e algas – ou não.  
Pode ter sal – ou ser insosso.  
Pode ter azul e espuma – ou não.  
Pode ter uma onda – ou não – ou duas ou a rebentação inteira.  
Pode ter conchas búzios – ou não.  
Pode ter alguém a atirar-lhe pedrinhas para dentro  
Pode ter a Atlântida toda debaixo dos pés  
Pode ter o anzol cravado no peito dum pescador  
Pode ter uma estátua de açafão à memória dos gritos  
Pode ter um arpão a sangrar sereias  
Pode ter uma barcarola depois da tempestade  
Pode ter (raios de sol a rasgar) guelras vermelhas  
Pode ter dias afogados em círculos concêntricos  
Pode ter escadas opalinas para a lonjura  
Pode ter gaivotas automáticas  
Pode ter viúvas arreganhadas  
Pode ter a nação inteira no dorso  
Pode ter manchas negras pegajosas

Pode ter peixes que assomam nos teus olhos peixes que  
não têm escamas peixes que têm caudas  
frondosas donde pendem goivos tristes peixes que  
não têm espinhas peixes que são em forma de pera  
peixes que –

se incendeiavam quando mergulham.

O poema até pode ter mar.

Depois, acrescentar alguns pormenores, tempero q.b.

e, por fim, misture tudo como lhe aprouver:

A metáfora grandiloquente, a aliteração sonora, a  
metonímia conveniente, a sinédoque premente ...

*et voilà*: um poema sobre o mar.

CÂNTICO da ÁGUA I

Sou filho das águas encarnei o que gerou o meu útero amaldiçoei-o  
e não o desejei.  
Correrei agora e desaguarei em oceanos pelas virilhas da ardósia  
hei-de encarnar os três orgasmos de desamor e lágrimas nuas amaldiçoei-os  
e não os ameii.  
Suplicaram-me os escafandros as quatro fêmeas da água ouviste os orgasmos  
acaso o meu corpo?

Desperto me inclinei no horizonte que achei aquelas que acharam a blasfêmia  
lugares sem água nem lei  
o gnomo que pinta acessos futuros animais passados corpos celestes  
onde a raiva amaram.  
Como cães de água maduros os três cavaleiros brancos que se banham  
na baba límpida que semeiei  
e de que farei o limite redondo e áspero da paisagem que se queira.  
Quem é como carne ameaçada de aromas de mel e terra encapuçada  
bebe a alma da cólera  
no contágio das águas de Enki o trabalho do sangue dos sete guerreiros  
dos barcos silenciosos?

Esta é a viagem a doçura dos assassinos que a circundam espuma  
dos assassinos das guelras.  
Eu disse subirei pelas traves prenderei os archotes sábios e ágeis  
das palavras para a morte.  
Uma viagem que faz a doçura dos lábios da fêmea intrusa na ferocidade  
da Primavera enxuta e uma  
guardada sob o amor encoberto nos subúrbios afiliados na dor do desejo.

Raízes de prata e ouro fino por entre as franjas a urdidura da carne pestilenta  
um feixe de linhas brutais  
em suas grutas tremendamente vivas e claras sob a pupila do desejo  
dos cães da água.  
Saí agora e vede de mar a mar a doçura com as gusas impuras  
de que se cinge encantado  
o meu corpo em dia de estio brilhante dia de fábulas em movimento  
navegar golfos de sangue.  
Sou filho das águas o amor dos antíscios em tempo de menstruação irrevogável  
fecundas as mágoas  
das sete crias na agonia da dor o búzio semi-cego bem vivo no ritmo  
do choro unigénito  
eco alfa procriando como ostras solitárias de sílabas.

# CONCEIÇÃO RIACHOS

## Cântico do mar

- O meu mar vermelho é o arco, da sua cabeça pendem palmas, arcos que se lavam, na amplitude da face
- Aromas misturados sulcam os lábios, jacintos líquidos circulam no mar, marfim e branco de corais
- Levanto-me mar e os meus dedos acendem em ti cadeados de muralhas
- Vim, colhi o mar, a mirra e o mármore, no mar bebi a cabeça do orvalho, nas gotas da noite
- O meu mar, poço de água, riacho caudaloso, fechou a porta encerrada, com vagas de doçura
- Comi o sal e o sol mar, lavei os pés no mar dos teus cabelos
- Antes que o mar meu amigo, fuja das sombras da manhã saí, mar, com o fio de carmim fiado, no banho dos navios
- Contigo, meu mar, levaste a minha irmã, o meu amar!
- Por ti, mar, o mundo colocou um anel, cor de mar, na tua fronte
- Vos rogo mar, ouro fino, bálsamo, jardim! Torna-te fiel torpor!
- No meu leito busquei amar o mar, no ondear branco, a dançar
- Ó mar amado, mar unido que cavalgas vagas e velas, mar semelhante, mar montanha, mar voz
- Tu, mar suave, leito de verdura, rota, doca, cabo, adorno de pérolas nos rochedos!
- Mar fruto, luz na minha garganta, rodeai-me de sombras sombras suaves que me saúdem!

- recensão VINCENZO BUSICO
- Ó mar nascente, que guardas nas grutas o grito dos gigantes
  - Pisa no rasto das moradas, a luz do teu nome, antes que o som sem tamanho, cesse a coroa que o cingiu
  - Aonde foi o teu mar, ó mar divino? Desceu aos canteiros da ondulação, onde os pendões desfraldados franjam fragmentos de céu!
  - Desvia a aurora, mar, porque o sol desce dos vales adolescentes como a oração na tormenta!
  - Regressa mar, na púrpura do rei, ó mar, e sobe à palmeira da embriaguês, onde a noite escorre canais adormecidos!
  - De um só beijo, mar, abre a porta velha da mandrágora!
  - De mar a mar, ó mar, o fluxo do mar, no vaso redondo, a terra o marear!
- ANTOLOGIA DO FIM:  
O SÉCULO DE DOURO PORTUGUÊS

# SOMENOS

— Ó mar nascente, que guardas nas gúrtas o grito das crianças  
— Pisa no tasto das mordas, a luz do teu nome, antes que o  
som sem tamanho, cesse a coroa que o cingiu  
— Aonde foi o teu mar, ó mar? Onde Deuseu nos caminhos da  
ondulação, onde os penhões desfilados tramam

fragmentos de céu!  
— Desvia a cabeça, mar, porque o sol cresce das vales  
adulcentes como a língua na lenda que sobre a terra  
se ergue a noite, a noite do mar, a noite do mar, a noite do mar  
da empingues, onde a noite escorre como o leite do leite  
— De um só peito, mar, esta é para vales da mandíbula

— De mar a mar, o mar, o luto do mar, no vaso redondo  
também matam os correntes e a noite e a noite e a noite e a noite

— O meu mar, o meu mar, o meu mar, o meu mar, o meu mar  
mar no pé do vento, mar no pé do vento, mar no pé do vento

— Manhã das sombras da manhã, manhã das sombras da manhã  
sovia no banho dos navios, no banho dos navios, no banho dos navios

— Cante, mar, cante, mar, cante, mar, cante, mar, cante, mar  
— Para o mar, o mar

— Torna-te fiel torpor, torna-te fiel torpor, torna-te fiel torpor  
— No mar, no mar

— Ó mar, ó mar  
— Tu, mar, tu, mar

— Rodai-me de sombras, rodai-me de sombras, rodai-me de sombras  
— Rodai-me de sombras, rodai-me de sombras, rodai-me de sombras

A ANTOLOGIA DO FIM:  
O SÉCULO DE OURO PORTUGUÊS

A ANTOLOGIA DO FIM:  
O SÉCULO DE OURO PORTUGUÊS

Osvaldo Manuel Silveira e Pedro Serra (Org.), *Século de Ouro. Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*, Lisboa-Cóimbra-Grécia: Antaeus Novus e Cotovia, 2002.

José Régio (Seleç., Pref. e Notas), *Líricas Portuguesas*, Lisboa: Portugália Editora, 1.ª série, 2.ª ed., 1959, pág. 13.

Carlo Ossola, «Antologia come ontologia», in Carlo Ossola (a cura di), *Stato e Strano. L'antologia di italiano nella scuola media inferiore*, Bologna, Il Mulino, 1978, pág. 12.

VINCENTO RUSSO

1991

O SÉCULO DE OURO PORTUGUÊS  
A ANTOLOGIA DO FIM:

1991

A ANTOLOGIA DO FIM:  
O SÉCULO DE OURO PORTUGUÊS<sup>1</sup>

Sabe-se que, pela sua própria natureza, nenhuma antologia pode aspirar ao consenso, nem tão pouco à unanimidade. O inevitável “não batam no antologista”, em resposta e em defesa do igualmente inevitável coro polémico, ecoava já em José Régio nos seguintes termos: «Desista qualquer organizador de qualquer antologia de sonhar sequer com uma maioria – quanto mais com a unanimidade! – de aprovações ao seu trabalho»<sup>2</sup>. A forma da antologia, sobretudo se se tratar de uma antologia de poesia – com efeito, o género lírico é o que melhor se presta a esta prática –, representa o “lugar institucional da citação” e, como escreve Carlo Ossola, um verdadeiro «género da repetição (de um texto-matriz, reduzido a excertos e somado), antes ainda da eleição (daquele texto em particular, entre tantos outros possíveis)»<sup>3</sup>. No entanto, é quase exclusivamente esta mesma escolha, selecção (e os critérios desta) e os consequentes gestos de inclusão e de exclusão que toda a antologia pressupõe que provocam debates e polémicas. Se, depois, o objecto da antologia é a lírica portuguesa (desde sempre a forma mais avançada da cultura nacional, muito frequentemente individuada com a

<sup>1</sup> Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra (Org.), *Século de Ouro. Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*, Lisboa-Coimbra-Braga, Angelus Novus e Cotovia, 2002.

<sup>2</sup> José Régio (Selec., Pref. e Notas), *Líricas Portuguesas*, Lisboa, Portugália Editora, 1.ª série, 3.ª ed., 1959, pág. 13.

<sup>3</sup> Carlo Ossola, «Antologia come ontologia», in Carlo Ossola (a cura di), *Brano a Brano. L'antologia di italiano nella scuola media inferiore*, Bologna, Il Mulino, 1978, pág. 12.

perigosa e cativante equação *Lirismo/Portugal*) e, mais concretamente, a lírica do século XX, um século de “ouro” (como, de resto, se auto-proclamou conscientemente ao longo dos anos – lembre-se, em primeiro lugar, o caso de Eugénio de Andrade – e como hoje foi intitulada *postumamente* esta *Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*), a questão acresce-se inevitavelmente de tons polémicos que transcendem o verdadeiro âmbito literário. Não por acaso as primeiras reacções «a quente» à publicação da antologia, pondo de parte qualquer interesse de análise não só pelos textos seleccionados, mas também pelos próprios mecanismos constitutivos de organização, foram de dura polémica, devido à “célebre” exclusão de autores<sup>4</sup> (ainda que esta antologia seja uma antologia não de autores, mas de textos)<sup>5</sup>.

Com efeito, tal como se deduz da própria derivação etimológica do termo “antologia”, mais precisamente um florilégio, o momento electivo – que produz uma nova *dispositio* dos materiais – muitas vezes torna obscuro o pressuposto de qualquer operação antológica, que é o fazer-se a repetição de textos já oferecidos e entregues à repetível continuidade do/no futuro.

---

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, o artigo «*Intelligentsia* deixa de fora mais de 30 autores», *Diário de Notícias*, 15 de Novembro 2002.

<sup>5</sup> A polémica forjada pela leitura simplista inclusão/exclusão de certos autores foi muito além da pura *querelle* literária. A intervenção da política, metaforizada pelo “Manifesto contra uma antologia poética grosseiramente discriminatória”, subscrita por um grupo de deputados do Partido Socialista e do Partido Social Democrata, indignados pela ausência na antologia (lembre-se que esta foi patrocinada e financiada por “Coimbra, Capital da Cultura 2003”) de certos poetas proeminentes como Miguel Torga, Afonso Duarte e Manuel Alegre, todos eles, além do mais, oriundos de Coimbra, se, por um lado, revela a pretensão, a partir do «alto» (e por isso “suspeita”: Manuel Alegre é deputado do Partido Socialista), de influenciar, se não mesmo controlar, o cânone, por outro, dá conta do estado de saúde do género lírico em Portugal (moribundo a nível público noutros países), onde a poesia suscita ainda uma forte discussão institucional sobre a identidade e a cultura do seu povo.

Quem colhe flores, colhe-as sempre de um jardim já existente («A Antologia é sempre uma selecção [...] de segundo grau»<sup>6</sup>); escolhida a flor, entre todas as *outras* flores (e também entre todas as outras ervas daninhas), a antologia garante a sua repetibilidade, ou seja, como diz ainda Carlo Ossola, «codifica o parcial como repetível, em lugar do todo»: a parcialidade assume-se, digamos, impõe-se como exemplaridade; a flor, o que resta, tendo atravessado uma desintegração do todo, do jardim, adquire um *surplus* de valor, de tal modo que o excerto, a poesia, em vez de se apresentar como «resto, residuo de banquete já prodigalizado por Epulões omnívoros», apresenta-se como um «viático prelibador, *summa* suficiente para substituir na memória a leitura directa dos textos»<sup>7</sup>.

Todavia, a provocação do *Século de Ouro* situa-se para além da *hybris*, da transgressão antologiadora, operação de memória e de esquecimento. A sua especificidade, ou melhor dizendo, a sua atipicidade reside 1) no facto de ser uma antologia constituída não por poetas, mas por “poemas” do século XX, já evidente no título *Antologia de poemas portugueses modernos*, organizada por António Botto e Fernando Pessoa<sup>8</sup>; 2) no facto de ser *crítica*, isto é, de críticos, na sua maioria académicos “escolhidos”, que seleccionam, por «preferências pessoais», não imunes à especialização<sup>9</sup> de cada

---

<sup>6</sup> A. Quondam, «Ideologia e struttura della forma antologia», in *Petrarchismo mediato. Per una critica della forma «antologia»*, Roma, Bulzoni, 1974, pág. 15.

<sup>7</sup> C. Ossola, *op. cit.*, pág. 16.

<sup>8</sup> Fernando Pessoa e António Botto (Org.), *Antologia de Poemas Portugueses Modernos*, Coimbra, Nobel, 1944.

<sup>9</sup> Para uma futura discussão sobre esta antologia poder-se-á interrogar o tipo de consequências que esta implica, por exemplo, a escolha de um texto de Jorge de Sena por parte de um seniano e de um não-seniano, sobretudo tendo em vista a apresentação de um ensaio; e ainda se as escolhas teriam recaído

um deles, três poemas, por ordem numérica, tornando-se apenas um o objecto de um breve comentário de três ou quatro páginas, no máximo, e, sobretudo, 3) no facto de assumir como critério de organização dos textos – explicitado na longa introdução (intitulada «Desaprender (com) a História») escrita a quatro mãos por Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra – um princípio aleatório, em detrimento de princípios de tipo cronológico (biográfico-historicista) ou convencional (alfabético, por poéticas ou escolas, etc.)<sup>10</sup>.

Desta forma, a antologia parte de um pressuposto de acordo com o qual o século XX – e isto apesar de ter terminado há bem pouco tempo (com toda a confusão de celebrações que este fim produziu) –, em determinados aspectos, estaria apenas agora a começar: a nossa saída do século não se verificou plenamente devido à inevitável posteridade que acompanha toda a consciência histórica, devido ao irremediável intervalo entre «viver a história» e «escrever a história» (Introdução, pág. 15). Quem aspira a fazer a história (literária ou mais precisamente lírica) do século XX português não pode senão anunciar que hoje este já não representa o nosso futuro, mas sim o nosso passado e que só a distância

---

sobre os mesmos poemas se não tivesse existido a “tarefa” de os comentar; ou então se, quando o ensaísta escolhe o seu tríptico, não é influenciado pelo conhecimento que tem, ou não tem, da lista dos outros ensaístas, como se fosse induzido a ser “original a todos os custos”.

<sup>10</sup> O resultado das respostas (os poemas mais votados) foi confiado à *ordem do aleatório*, tendo como cúmplice um computador que produziu, no fim, uma série não-linear de textos poéticos (em rigor são 73 poemas seguidos de um breve “ensaio” crítico em representação de um número igual de colaboradores, num total de 47 poetas, 49 se contarmos com Álvaro de Campos e Ricardo Reis). Entre os ensaístas, cuja primeira lista previa que fossem 87, surgem muitos nomes de poetas (5 estão integrados em ambos os grupos, o dos “críticos” e o dos “criticados”), o que reconfirma a reversibilidade e a porosidade da literatura portuguesa do século XX como uma “dupla” literatura de críticos e poetas.

em relação a este último nos permite compreendê-lo e representá-lo. A introdução de Osvaldo Silvestre e Pedro Serra nega tudo isto à antologia *Século de Ouro*: liquidada a história, a reivindicação do livro não é ser um volume de «História Literária», mas sim constituir-se – também graças aos mecanismos de funcionamento – como produto *pós-histórico*, fruto, certamente, da «alteração significativa, e mesmo drástica, na estrutura da temporalidade que rege a nossa experiência quotidiana neste virar do século» (pág. 49) e que à linearidade (passado, presente, futuro) da história cadenciada pelas modernas categorias de sujeito, causalidade e acção, pretende opor a «simultaneidade e imediaticidade do passado» (pág. 55). O retorno à centralidade dos textos poéticos (o título do “poema” precede significativamente o nome do autor, tal como na antologia de Pessoa e Botto, onde no índice até se esquecia o nome do poeta) é revelador da vontade de suspender qualquer resíduo de historicidade: o carácter aleatório da organização dos textos força até à inoperatividade a sequência cronológica (e, portanto, qualquer teleologia a ela ligada). Tal como acontece na melhor literatura experimental (não por acaso se cita Raymond Queneau), a ordem dos poemas, por sua vez já fora do lugar que a história literária lhes tinha atribuído com rigor, é potencialmente apenas *uma das possíveis*, à qual a forma de livro, num certo sentido, obriga. Confirmando um projecto *pós-histórico*, pelo menos do ponto de vista dos textos poéticos escolhidos, a antologia reivindica a sua ausência de autor(idade) «por excesso de autores»: ao não possuir um centro, um legislador único, tal como acontecia nas antologias do cânone do século XX (pense-se em todos os poetas-críticos, como Jorge de Sena e E. M. de Melo e Castro), a antologia, instituída com base na dispersão de todas as escolhas, torna-se *heteronímica* por

causa dos seus muitos nomes (será que a sociedade da “google-ização” não deixa verdadeiramente nenhuma dúvida em relação à efectiva existência destes? Será que as biografias finais dos críticos garantem sempre a veracidade?). O centro desaparece, pois o modelo desta antologia é rizomático: «ela elabora-se como uma proliferação de sujeitos (poetas e ensaístas) que critica qualquer tentativa e tentação de reconduzir esta obra a uma identidade originária e fundante» (pág. 44). Não é por acaso que esta antologia reconhece o século XX como um século pessoano (diga-se, de imediato, não só por causa do poeta dos heterónimos, como também por todos os seus sucessores e antecessores), recordando o Borges da homenagem («Hoje és tu o poeta de Portugal») e não é igualmente um acaso o facto de serem precisamente os “poemas” de um poeta-engenheiro naval que não existe (e que nunca existiu) a terem uma maior representação.

Mas se, como propõem os dois organizadores, é possível ver no *Século de Ouro* um duplo livro, de líricas e de críticas, a própria interpretação do poema que lhe está espacialmente contígua (a ser realizada em regime de *close reading*, sem título, sem referências bibliográficas, sem notas de pé de página) não produz outro efeito que não o reforço dos termos do projecto pós-histórico de toda a antologia: o crítico que lê o texto deve aprender a “desaprender” a distância, a sua leitura, longe das pretensões de um olhar académico sobre o texto, assim como da pretensão de reconstruir as várias sedimentações críticas acumuladas ao longo do tempo, ambas modalidades de um historicismo feito hábito» (pág. 57), deve ser entendida como suplemento capaz de presentificar o intervalo entre texto poético e texto crítico.

Se depois, como é óbvio, antologia e cânone estão inseparavelmente ligados, ao mesmo tempo que «escolher os textos canónicos, o Cânone, ou antologiar, isto é, escolher os (micro)textos a ler (e, desta forma, o seu cânone total), significa sempre gerir a Memória, um lugar-chave da estrutura do poder, na sociedade antiga e moderna»<sup>11</sup>, o *Século de Ouro*, por tudo aquilo que foi dito, mais do que propor e promover uma canonicidade (que alguns autores, talvez mais recentes, terão provavelmente de conquistar no futuro, também graças ao contributo desta antologia, cf. nota 61), mostra a provisoriedade de toda a “grande lista”, mesmo que esta seja elaborada por “grandes eleitores”. Antologia pós-histórica, o *Século de Ouro*, fruto disperso, porque parcelar, daquilo que se poderá definir como um “*New Criticism* português”, acolhe no seu próprio interior, a um só tempo, cânone e anti-cânone, tendências convergentes e divergentes de consenso, numa hibridação fecunda de perspectivas críticas e de recuperações poéticas, impedindo qualquer tentativa de ler os seus resultados<sup>12</sup> como um peremptório juízo final (fora dos tempos)<sup>13</sup>.

O projecto pós-histórico que subjaz a toda a antologia é explicitado nas últimas linhas da introdução, onde se diz: «A pós-história é antes neste livro esse exercício crítico que coloca sob suspeita todas as pretensões a uma posteridade apaziguada e feliz. Não somos os pósteros do século XX,

---

<sup>11</sup> R. Antonelli, «L'antologia, il tempo e la memoria», in *L'Antologia Poética*, “Crítica del Testo”, II/1, 1999, Viella, Roma, 1999, pág. viii.

<sup>12</sup> Referimo-nos à polémica contra esta nova crítica portuguesa, por parte de quem a rotulou de crítica do «ressentimento», em relação a uma certa linha neo-realista e militante, derrotada perante a linha surrealista, em nome de velhas rivalidades que, nesta antologia, teriam chegado, depois de decênios, a uma espécie de combate final.

<sup>13</sup> «*Século de Ouro* propõe-se “antologia” pouco apocalíptica [...] O aleatório que variavelmente o “estrutura” não permite aliás dramatizar aquilo que não é

não somos os executores testamentários do século XX, que mais uma vez, no caso da poesia portuguesa, não acabou: *Século de Ouro* é meramente o nome de mais um dos seus recomeços» (pág. 65).

Com efeito, as antologias do fim, bem como todas as culturas do fim, parafraseando Carlo Ossola, são ótimos instrumentos para assinalar inícios.

---

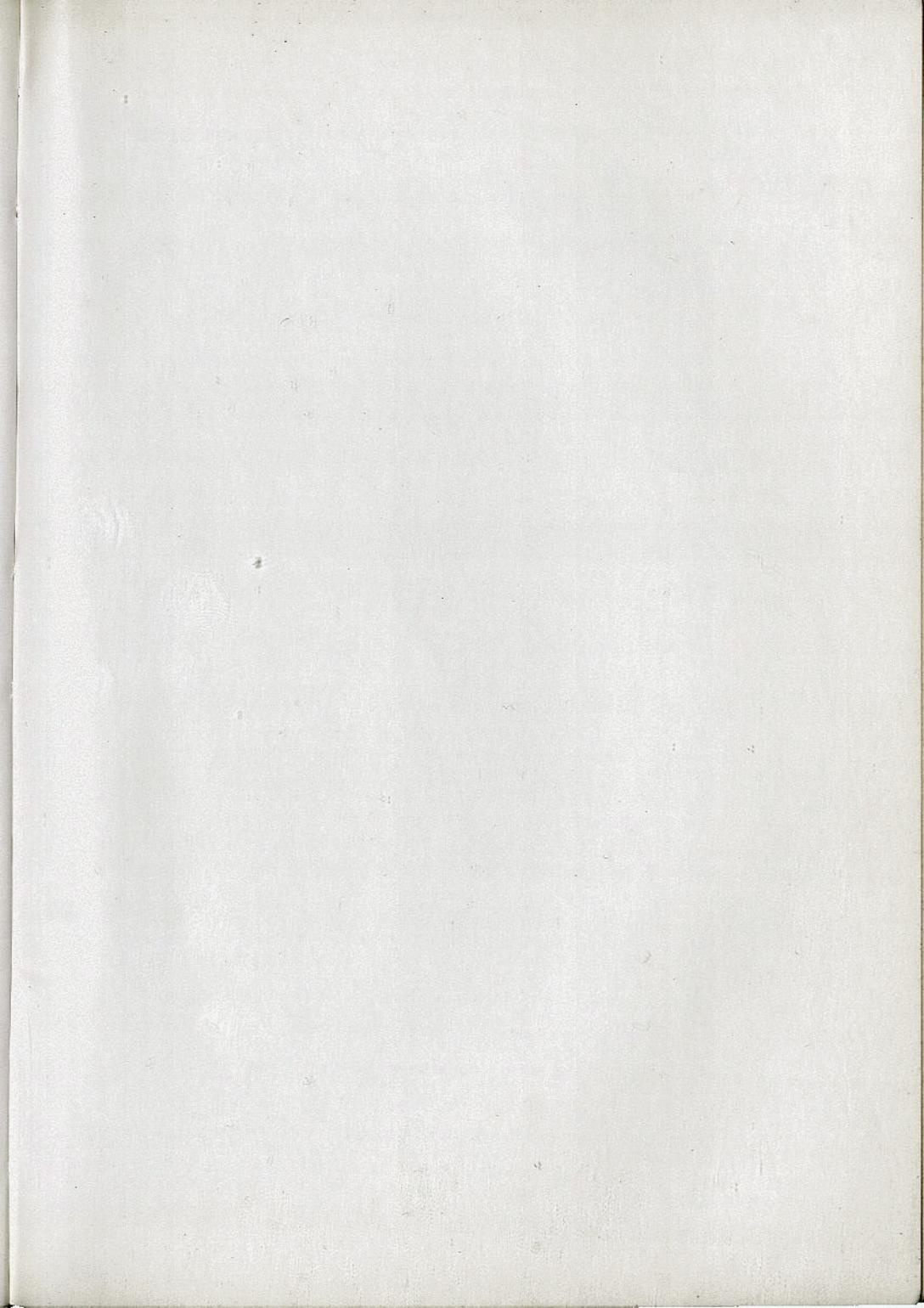
senão um jogar de dados. Isto significa que ausências/presenças devem ser tomadas por aquilo que são: resultado da pura contingência [...] Vitórias e derrotas "históricas" não chega também a haver, pois um tal saldo só seria contabilizável se, justamente, nos situássemos no fim dos tempos de um juízo final», citado de uma entrevista a Osvaldo Manuel Silvestre e a Pedro Serra por Manuel Gusmão em «O tempo da poesia: uma constelação precária. Sobre uma antologia do século», *Inimigo Rumor*, n.º 14, 1.º semestre 2003, pág. 221.

## Índice

|  |     |
|--|-----|
| Editorial .....                              | 5   |
| Fernando Lemos .....                         | 7   |
| Feliciano de Mira .....                      | 10  |
| Floriano Martins .....                       | 22  |
| Lourenço Cardoso .....                       | 27  |
| “Oficina de Poesia” nas Escolas .....        | 35  |
| Martha Morais .....                          | 46  |
| Margarida Amorim .....                       | 53  |
| Nuno Duarte .....                            | 56  |
| Pedro Sousa Silva .....                      | 58  |
| Sandra Guerreiro .....                       | 60  |
| Jorge Fragoso .....                          | 62  |
| Conceição Riachos .....                      | 64  |
| Liliana Vasques .....                        | 66  |
| Rebecca Lyrio .....                          | 69  |
| Filipe Tavares .....                         | 71  |
| Aires Gomes Fernandes .....                  | 75  |
| Ângela Canez .....                           | 77  |
| Catarina Costa .....                         | 80  |
| L. Altério .....                             | 83  |
| aNa B .....                                  | 85  |
| Rita Grácio .....                            | 88  |
| João Rasteiro .....                          | 90  |
| Nuno Carrilho .....                          | 92  |
| Céu Caxias .....                             | 93  |
| Pedro Oliveira .....                         | 94  |
| João Pedro Rego Cardoso .....                | 95  |
| Diana Pinto Parracho .....                   | 96  |
| Olga Pascoal .....                           | 98  |
| Lucie Lafaye .....                           | 100 |
| Susana Santos .....                          | 102 |
| Inês Carvalho .....                          | 103 |
| Raquel Casqueira .....                       | 104 |
| Jennifer Morais .....                        | 106 |
| Semana Cultural Universidade de Coimbra 2006 |     |
| De Mar a Mar .....                           | 109 |
| Margarida Amorim .....                       | 111 |
| Nuno Duarte .....                            | 113 |
| Jorge Fragoso .....                          | 114 |
| Rebecca Lyrio .....                          | 117 |
| Aires Gomes Fernandes .....                  | 118 |
| Rita Grácio .....                            | 119 |
| João Rasteiro .....                          | 121 |
| Conceição Riachos .....                      | 124 |
| Vincenzo Russo (recensão) .....              | 127 |

Índice

mais uma vez, no caso da poesia portuguesa, não acabou:  
 Edição de Fernando Lemos ..... 2  
 Edição de Fernando Lemos ..... 7  
 Edição de Fernando Lemos ..... 10 (pág. 65)  
 Feliciano de Mira ..... 22  
 Floriano Martins ..... 27  
 "Oficina de Poesia, nas Escolas"  
 Margarida Amorim ..... 35  
 Margarida Amorim ..... 40  
 Nuno Duarte ..... 50  
 Pedro Sousa Silva ..... 58  
 Sandra Guerreiro ..... 60  
 Jorge Fagoso ..... 62  
 Conceição Riechert ..... 64  
 Liliana Vasques ..... 66  
 Rebecca Lyrio ..... 71  
 Filipe Távares ..... 75  
 Aires Gomes Fernandes ..... 77  
 Ângela Canet ..... 80  
 Catarina Costa ..... 83  
 L. Alípio ..... 85  
 Ana B ..... 88  
 Rita Grácio ..... 90  
 João Rasteiro ..... 92  
 Nuno Camilo ..... 93  
 Ceu Caxias ..... 94  
 Pedro Oliveira ..... 95  
 João Pedro Rego Cardoso ..... 96  
 Diana Pinto Paracho ..... 98  
 Olga Pascoal ..... 100  
 Luísa Lataye ..... 102  
 Susana Santos ..... 103  
 Inês Carvalho ..... 104  
 Ráquel Caspueira ..... 100  
 Jennifer Morris ..... 100  
 Semana Cultural Universidade de Coimbra 2008  
 De Mar a Mar ..... 109  
 Margarida Amorim ..... 111  
 Nuno Duarte ..... 113  
 Jorge Fagoso ..... 114  
 Rebecca Lyrio ..... 117  
 Aires Gomes Fernandes ..... 119  
 Rita Grácio ..... 120  
 João Rasteiro ..... 121  
 Conceição Riechert ..... 124  
 Vincenzo Russo (revisor) ..... 127



Não mais que desejo...  
Seria!  
Vencer um século  
de plena poesia  
em menos décadas  
ter toda certeza  
reduzindo anos  
numa década só  
roubar de cada ano  
alimento suficiente  
para curtos meses  
Criar algo suportável  
para um mês  
em agenda de semana  
Viajar c/ urgência  
numa semana breve  
só apenas meios dias  
Ser amado  
serenamente no  
desesperado dia  
de poucas horas  
Descobrir o silêncio  
e a hora absoluta  
gasta sem demora  
Gritar aos ventos  
um minuto do sol  
no destino vertical  
Inventar o segundo  
derradeiro  
na luz horizontal

Deixar o novo ano  
surgir em desenho  
curvado ao pontual  
tal qual o sonho  
ao ser por dentro  
reinaugurado  
Desenhos originais  
desfalcados  
em tempos seminais  
seria festejar antes  
que o vôo seja como nós  
caminhantes  
Dia-sim-dia-não  
desiguais na duração  
eternos não revelados  
A idade do futuro  
que daria para perder  
o tempo de vencer  
Ser e não antever  
saber o não virtual  
e viver como esquecer  
Seria seria  
mais dia-menos-dia  
intervalo de morrer  
tempo  
rigor que vicia

Fernando Lemos

Apoios:



Reitoria da Universidade de Coimbra  
Conselho Directivo da Faculdade de Letras  
da Universidade de Coimbra



centro de estudos sociais  
FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA